



# atos

**do conselho geral**

ano LXVIII — abril-junho, 1987

**n. 321**

**órgão oficial  
de animação  
e de comunicação  
para a  
congregação salesiana**

**ROMA  
DIREÇÃO GERAL  
OBRAS DE DOM BOSCO**



# atos

do conselho geral  
da sociedade salesiana  
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

**n. 321**

**ano LXVIII**

**abril-junho**

**1987**

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 Pe. Egídio VIGANÓ Os Ex-alunos de Dom Bosco . . . .	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 Pe. Gaetano SCRIVO Sábado, 14 de maio de 1988: dia da Profissão salesiana . . . . .	32
	2.2 Pe. Paulo NATALI As nossas celebrações: renovação litúrgica, criatividade e normas ..	34
	2.3 Pe. Sérgio CUEVAS Em busca da renovação salesiana da comunicação social . . . . .	44
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	Não há neste número	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor . . . . .	54
	4.2 Crônica do Conselho Geral . . . . .	54
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Breve apostólico do Santo Padre para o ano de graça 1988 . . . . .	57
	5.2 Decreto da Congregação para a causa dos Santos sobre a heroici- dade das virtudes do Pe. Filipe Rinaldi . . . . .	59
	5.3 Pertença à Família Salesiana de dois Institutos: Filhas do Divino Salvador e Irmãs Servas do Cora- ção Imaculado de Maria . . . . .	62
	5.4 Consulta mundial da Associação dos Cooperadores Salesianos. Nome- ação do Coordenador geral ..	65
	5.5 XIII Semana de Espiritualidade da F.S. . . . .	67
	5.6 Novos Inspectores . . . . .	67
	5.7 Nomeações pontifícias . . . . .	69
	5.8 Solidariedade fraterna (49. <sup>a</sup> relação) . . . . .	71
	5.9 Dados estatísticos de 31/12/86 .	72
	5.10 Irmãos falecidos . . . . .	74





## 1. CARTA DO REITOR-MOR

---

### OS EX-ALUNOS DE DOM BOSCO

Roma, Solenidade de S. José, 19/03/1987

Introdução — O art. 5.º das Constituições — A “educação recebida” — 17 anos com Dom Bosco — Pe. Rinaldi inspirador e organizador — Ex-alunos “de Dom Bosco” — Os valores da educação salesiana — Vários graus de assimilação dos valores — Algumas modalidades de participação dos Ex-alunos na missão de Dom Bosco — A tarefa das Comunidades salesianas — Importância vital da espiritualidade — Conclusão.

*Queridos irmãos,*

tenho a alegria de vos transmitir uma especial saudação e a bênção apostólica do Santo Padre. De fato na sexta-feira, 13 de fevereiro, o Reitor-Mor e todo o seu Conselho foram recebidos em audiência particular pelo Sumo Pontífice. Quisemos agradecer à Sua Santidade aquilo que nos concedeu para as celebrações centenárias do '88: de maneira particular pelo Breve Apostólico relacionado ao especial “Ano de graça” e pela promessa de uma sua viagem a Turim nos primeiros quinze dias do mês de setembro de 1988. A audiência desenvolveu-se num clima familiar de diálogo amigo, em que pudemos constatar novamente a predileção do Papa pelos jovens, a sua profunda admiração por Dom Bosco e o paterno apreço que tem pela nossa Congregação e toda a Família Salesiana. Ficou contente em conhecer o número dos membros da Família. Entre os vários comentários feitos sobre as pessoas e as atividades, lembrou-nos que nós somos “carismáticos dos jovens” e, na despedida, repetiu sorrindo que devemos sê-lo sobretudo no tempo atual de mudanças culturais. Foi uma significativa antecipação de forte espiritualidade e eclesialidade com que esperamos comemorar o acontecimento centenário.

Com esta encorajadora audiência concluiu-se também a sessão plenária do Conselho Geral, reunido desde o dia 1.º de dezembro por mais de dois meses de trabalho. Pudemos, entre outras coisas, examinar, debater e aprovar mais de 40 Capítulos inspetoriais. Foi consolador constatar a seriedade e a consistência com que foram elaborados os Diretórios inspetoriais. Estou me convencendo cada vez mais que Deus nos quer bem e nos acompanha para lançar alicerces sólidos com vistas a um futuro melhor.

Preparar-nos-emos para expressar o nosso agradecimento a Deus Pai, todos juntos, com um ato particularmente significativo. No dia 14 de maio de 1988 — como está anunciado neste número dos Atos, à pág. 32 — renovaremos (nas Inspetorias e nas Casas) a nossa Profissão religiosa. É um sábado do Mês de Nossa Senhora Auxiliadora: lembra o aniversário da Profissão salesiana de Dom Bosco e dos seus primeiros jovens escolhidos de Valdocco. Naquele dia a Congregação sentir-se-á espiritualmente renovada e pronta para enfrentar os novos tempos com o mesmo ardor e a mesma audácia inventiva do Fundador. Tomemos conhecimento disto desde já e comecemos a trabalhar, pessoal e comunitariamente <sup>1</sup>.

#### O artigo 5.º das Constituições

A Lembrança deste ano (espero que tenhais meditado o comentário) nos convida a intensificar a comunhão e a ação da Família Salesiana em preparação ao '88 (e mais além) como um verdadeiro "Movimento eclesial" de missionários dos jovens. Na Família, os vários grupos consagrados já possuem seus textos e subsídios, nascidos da renovação conciliar, e que poderão guiá-los a uma maior autenticidade. Recentemente os Cooperadores elaboraram o novo texto do seu Regulamento de Vida Apostólica, do qual vós, queridos Irmãos, espero tenhais todos recebido uma cópia. Também já fostes animados com uma carta circular minha, dedicada a fazer compreender melhor o pensamento de Dom Bosco neste assunto e assumir pessoal e comunitariamente a responsabilidade da sua animação <sup>2</sup>.

Agora desejo refletir e aprofundar juntamente convosco a *importância dos Ex-alunos*, a natureza de sua Associação e a razão específica de sua pertença à Família e, portanto, à missão de Dom Bosco.

Considero este tema importante na renovação da nossa Congregação. Cada irmão precisa refletir sobre ele, e as comunidades inspetoriais e locais estão convidadas a rever e relançar a sua concreta co-responsabilidade para a animação e a revitalização desta imensa e prometedora Associação.

---

<sup>1</sup> Cf. ACG 319.

<sup>2</sup> Cf. ACG 318.

O coração e a atividade do salesiano não podem de fato se esgotar dentro da própria casa. As reflexões que vos apresento podem ser consideradas um aprofundamento e um desenvolvimento, seja da circular sobre a Família Salesiana<sup>3</sup>, seja da circular sobre a promoção do Leigo<sup>4</sup>.

Ponto de partida e de referência é o art. 5.º das Constituições que afirma que os Ex-alunos fazem parte da Família Salesiana. Apresenta como base de sua pertença *a educação recebida*; esta educação faz nascer neles, de fato, níveis diferentes de participação mais ou menos estreita com a missão salesiana no mundo. O recente “Guia à leitura das Constituições salesianas” observa que “os Ex-alunos estão particularmente preparados, justamente pela educação recebida, para assumir uma responsabilidade de colaboração de acordo com as finalidades próprias do projeto salesiano. A escolha evangelizadora feita por muitos deles não é alternativa ao título de “educação recebida”, mas uma sua expressão privilegiada: não constitui, portanto, um título diferente para aplicar a uma espécie de novo Grupo”<sup>5</sup>. Penso que a afirmação do art. 5.º necessita de uma consideração mais atenta de nossa parte; servirá para nos lembrar alguns compromissos concretos que não podem ser esquecidos e que exigem de nossa parte clareza de visão, consciência e responsabilidade.

### A Educação recebida

O título de pertença dos Ex-alunos à Família Salesiana “pela educação recebida” é denso de conteúdos e carregado de valores. Incentiva-nos a um amplo exame de consciência sobre a nossa atividade educativa e pastoral. Um olhar à história das origens revelar-nos-á sua importância, indicando-nos os vínculos que nascem de uma autêntica pedagogia salesiana.

A Associação dos Ex-alunos não teve diretamente um “fundador”; como escreve o Pe. Céria, ela nasceu “com a força das coisas que têm origem e vida a partir de causas naturais e espontâneas”<sup>6</sup>; brotou do espírito de família do Sistema Preventivo no

<sup>3</sup> Cf. ACG 304 abril-junho 1982.

<sup>4</sup> Cf. ACG 317 abril-junho 1986.

<sup>5</sup> O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco — Guia à leitura das Constituições salesianas, p. 115.

<sup>6</sup> E. Céria, *Annali* 1, 715.

Oratório de Valdocco. O próprio Dom Bosco escreveu que o seu estilo de educação “granjeia a amizade do menino, (e faz com que o educador possa) falar-lhe com a linguagem do coração, quer no tempo da educação, *quer depois* (também quando o antigo aluno) estiver em qualquer trabalho, emprego público ou no comércio”<sup>7</sup>. É um método educativo que levou a profundas mudanças de comportamento (por ex., Miguel Magone), a buscar o ideal da santidade (por ex., Domingos Sávio) e a uma permanente comunhão de ideais e de sentimentos com os educadores ao longo de toda a vida (eis, por ex., os Ex-alunos). A atmosfera de convivência, de alegria, de promoção e de amizade respirada por jovens de todas as culturas e condições sociais diferentes, possui em si a força de criar entre educadores e alunos uma espécie de parentesco espiritual com laços de mútuo apreço, de afeto, de ideais de vida que se prolongam no tempo.

“Os alunos sentiam-se amados por Dom Bosco, não como simples discípulos, mas como filhos; e portanto, uma vez adultos, nasceu entre eles o pensamento natural de voltar à casa paterna. Assim continua a se reproduzir esta volta espontânea às Casas de educação onde se planta aquele ‘sentido reverencial’ percebido pelos Ex-alunos e se trabalha com o mesmo espírito e método de Dom Bosco. O Movimento dos Ex-alunos não foi, portanto, instituído pelos educadores como associação pós-escolar com elementos escolhidos, com finalidade associativas, mas nasceu espontaneamente”, pela vitalidade de um Carisma que está em suas raízes<sup>8</sup>.

### 17 anos com Dom Bosco

O Grupo dos Ex-alunos começou a se articular quando ainda vivia Dom Bosco. Os primeiros inícios podemos situá-los em 1870, no dia de sua festa, a 24 de junho. Naquele ano reuniram-se oficialmente uma dúzia de antigos alunos; escolheram como líder o simpático e generoso Carlos Gastini, que sempre considerou o Oratório a sua segunda família; comprometeram-se a buscar um maior número de participantes; escolheram depois uma comissão para melhor organizar aquelas manifestações anuais de afeto e gratidão.

<sup>7</sup> “O Sistema Preventivo”, no texto das Const., p. 232.

<sup>8</sup> Cf. U. Bastasi, *Guida organizzativa del Movimento Exalievi di Don Bosco*, Turim, 1965, p. 8.

Assim a festa aumentou de ano para ano, tornando-se um verdadeiro triunfo da gratidão. Alguns anos depois, foi preciso dividir a manifestação em dois encontros: no domingo para os Ex-alunos leigos, e na quinta-feira para os Ex-alunos sacerdotes. Estes últimos eram um bom número e com eles o bom Pai insistia continuamente para que cuidassem da juventude<sup>9</sup>. Aos poucos, depois da morte de Dom Bosco, dividiram-se em grupos locais, em uniões e sociedades, e até numa verdadeira organização, promovida pelo Pe. Filipe Rinaldi.

O período de 1870 a 1888, ou seja, os 17 anos de relações diretas com Dom Bosco vivo, são para nós um momento privilegiado sobre o qual refletir; podemos perceber com maior clareza o significado do título de pertença à Família Salesiana “pela educação recebida”.

Sabemos o quanto Dom Bosco amava os seus alunos; terminado o seu currículo educacional, não os esquecia; seguia-os, ajudava-os, convidava-os, reunia-os, encorajava-os, orientava-os ainda, corrigia-os se fosse preciso, preocupava-se com o seu bem-estar sobretudo espiritual. “Vejo — disse ele num daqueles numerosos encontros — que muitos de vós já perderam os cabelos e a fronte está enrugada. Não sois mais aqueles garotos que eu gostava tanto; mas sinto que vos amo mais do que no passado, porque com a vossa presença me assegurais que estão firmes em vossos corações aqueles princípios da nossa santa religião, que eu vos ensinei e que são orientação segura em vossas vidas. E depois vos amo ainda mais, porque me fazeis ver que o vosso coração é sempre de Dom Bosco... (e vos asseguro) que sou todo vosso no trabalho e no pensamento, em toda minha ação. Vós éreis um pequeno rebanho: este cresceu muito, mas multiplicar-se-á ainda. Vós sereis luz que brilha no meio do mundo, e com o vosso exemplo ensinareis aos outros como se deve realizar o bem e detestar e fugir do mal. Estou seguro de que vós continuareis a ser a consolação de Dom Bosco”<sup>10</sup>.

E numa outra ocasião: “Uma coisa mais do que tudo vos recomendo, ó meus queridos filhos, e é esta: em qualquer lugar vos encontréis, sede sempre bons cristãos e honestos cidadãos... Muitos de vós já têm família. Então, aquela educação que rece-

<sup>9</sup> Cf. MB 14, 512-514.

<sup>10</sup> MB 17, 173-174.

bestes no Oratório de Dom Bosco, comunicai-a aos vossos familiares”<sup>11</sup>.

Naquelas reuniões dos antigos alunos o querido Pai — assegura o cônego Berrone — “nunca deixava de exortá-los a serem perseverantes em alimentar no meio da sociedade o espírito do Oratório; e muitos o procuravam nessas ocasiões para lhe pedir conselhos”<sup>12</sup>.

Em 1883, durante a sua viagem a Paris, o próprio Dom Bosco, falando do seu método educativo, respondeu a quem manifestava algumas dúvidas com relação à perseverança dos jovens aprendizes, uma vez saídos do Oratório e inseridos no exército ou no mundo do trabalho: “... em Turim — disse — no sábado à noite e no domingo de manhã, são muitos que vêm se confessar. No exército italiano todos sabem que os jovens vindos das nossas escolas são praticantes; de fato chamam-nos os ‘Bosco’. Encontram-se em todos os escalões do exército”<sup>13</sup>.

E no dia 26 de julho de 1884, quase como última lembrança, recomendava aos antigos alunos: “Em qualquer lugar onde fordes ou estejais, lembrai-vos sempre que sois os filhos de Dom Bosco, os filhos do Oratório... Felizes vós se nunca esquecerdes aquelas verdades que eu procurei esculpir em vossos corações quando éreis jovens”<sup>14</sup>.

Também nas outras casas salesianas recém-fundadas verificava-se aquela comunhão de vida, graças à educação recebida. Assim, por ex., lemos que na cidade de Montevidéu, sob a direção do Pe. Lasagna, que aí levou o espírito do Oratório, muitos jovens, “seja quando saíam de férias, seja quando deixavam o colégio, iniciavam em suas casas verdadeiros oratórios festivos”; e assim surgiu uma organização de oratórios, dirigida pelo ex-aluno Dr. Lenguas, com um pequeno Regulamento, cujo título sugestivo era “Oratórios festivos de Montevidéu, dirigidos pelos Ex-alunos do Colégio Pio”<sup>15</sup>.

Durante os anos de contato direto com Dom Bosco encontramos duas iniciativas particularmente significativas em favor dos antigos alunos.

---

<sup>11</sup> MB 14, 511.

<sup>12</sup> MB 9, 885-886.

<sup>13</sup> MB 16, 167.

<sup>14</sup> MB 17, 489.

<sup>15</sup> MB 13, 164.

A primeira é do ano de 1876, quando Dom Bosco pôde finalmente lançar a Pia União dos Cooperadores Salesianos, depois de longos anos de experiências e projetos. Ele dava muita importância a este seu trabalho de Fundador e convidava os antigos alunos mais comprometidos a se filiarem nesta Pia União. Numa das manifestações dos antigos alunos que vieram depois daquela data, Dom Bosco dirá: “A proposta de incentivar alguém entre vós no incremento da Obra dos Cooperadores Salesianos, é uma proposta das mais bonitas, porque os Cooperadores são o sustento das obras de Deus, através dos Salesianos. . . , é (uma Obra) feita para sacudir do marasmo em que estão tantos cristãos e espalhar a energia da caridade”<sup>16</sup>. Assim, em 1877 — como escreve o Pe. Favini (em: *Dom Bosco e os Ex-alunos*) — “os Cooperadores se apresentaram oficialmente pela primeira vez; . . . e como os antigos alunos se esmeravam em filiar-se à Pia União (como afirma uma carta do cônego Anfossi: MB 13,612), estavam eles certamente entre os primeiros (na manifestação dos Ex-alunos)”<sup>17</sup>.

A segunda é do ano de 1878: Dom Bosco propõe aos antigos alunos uma “Sociedade de mútuo socorro” para enfrentar as dificuldades: “fazei que esta vantagem não se limite somente a vós, mas se estenda a todos aqueles jovens de boa conduta que saem do Oratório, aos colegas que vós conheceis e a todos vós que estais aqui reunidos”<sup>18</sup>. Carlos Gastini, chefe dos antigos alunos, preocupou-se logo com a organização, utilizando um estatuto esboçado anos antes pelo próprio Dom Bosco para uma instituição semelhante entre os jovens operários<sup>19</sup>.

Dom Bosco, portanto, oferecia aos seus jovens a possibilidade de fazer frutificar “a educação recebida”, no grupo comprometido dos antigos alunos, na Pia União dos Cooperadores, na Vida sacerdotal e religiosa, ou na sua Congregação salesiana. O que interessa sublinhar é a importância que ele dava à fecundidade operativa da educação no Oratório.

#### **Pe. Rinaldi inspirador e organizador**

Depois da morte de Dom Bosco os antigos alunos continuaram, com o Pe. Rua, as suas manifestações anuais, fazendo da

<sup>16</sup> MB 18, 160-161.

<sup>17</sup> U. Bastasi, *Guida organizzativa del Movimento Exalievi di Don Bosco*, p. 235.

<sup>18</sup> MB 13, 758.

<sup>19</sup> MB 13, 759.

festa do Reitor-Mor o grande dia da gratidão. A partir da época em que o Pe. Rua chamou a Turim o Pe. Filipe Rinaldi, que era Inspetor na Espanha, confiando-lhe o importante cargo de Vicário ou Prefeito geral (isto a partir do dia 1.º de abril de 1901), os vários grupos dos antigos alunos tiveram um extraordinário animador e válido organizador.

Durante os vinte anos de seu serviço como Prefeito geral o Pe. Rinaldi conseguiu articular as coisas com humilde discrição, fazendo aparecer em primeiro plano os antigos alunos ou algum irmão íntimo colaborador; e assim foi dando estrutura orgânica a um movimento de afetos, de gratidão, de ideais de vida que fizeram da “educação recebida” uma força mais viva e atuante.

Em 1906 fundou com os antigos alunos em Turim o “Círculo João Bosco”, que em breve tempo floresceu numa das melhores companhias teatrais salesianas e foi exemplo a outras organizações semelhantes.

Em 1907 a um irmão enviado à Espanha dizia: “Cuida muito bem dos Ex-alunos: são a nossa coroa; ou, se queres, são a nossa razão de existir, porque sendo nós uma Congregação educadora, é claro que não educamos para o colégio, mas para a vida. Portanto, a verdadeira vida, a vida real começa para eles quando deixam as nossas Casas”<sup>20</sup>.

Mas o Pe. Rinaldi, junto com a animação, previa o futuro e sentia a necessidade de uma organização, inspirando assim concretamente as modalidades da Associação. No dia 25 de junho de 1909 lançou a idéia de uma Confederação internacional; para promovê-la valeu-se da benemérita “Comissão dos Antigos Alunos de Dom Bosco”, que organizava desde os tempos de Gastini as manifestações anuais em Valdocco. A estrutura nasceu formalmente no 1.º Congresso Internacional dos Ex-alunos, em 1911, como Federação das várias uniões locais, círculos e sociedades. Até aquela data eram chamados “Antigos Alunos”; daí por diante (e também antes com o Pe. Rinaldi) chamar-se-ão “Ex-alunos”.

No mês de junho de 1912 organizou-se o “Conselho de direção” e foi nomeado o primeiro Presidente na pessoa do Prof. Piero Gribauidi. “Escreveu-se e com razão — comenta o Pe. Céria — que este foi um fato novo na história da pedagogia”<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> U. Bastasi, o.c., p. 20.

<sup>21</sup> E. Céria, *Annali* I, 712.

Naqueles anos o Pe. Rinaldi, confessor das irmãs e grande animador do seu Oratório feminino, preocupou-se também com a organização das Ex-alunas das Filhas de Maria Auxiliadora para que crescessem e se estruturassem também elas numa federação.

Como Reitor-Mor interessou-se constantemente pelo bom funcionamento e pela vitalidade da União dos Ex-alunos, e sofria ao saber que nem todos os irmãos tinham compreendido sua importância, por isso a recomendava aos cuidados dos Inspectores e dos Diretores: “Alguns acreditam — disse numa reunião de 25 Inspectores e 300 Diretores em Valsálce, no ano de 1926 — que a Organização dos Ex-alunos seja uma obra inútil, e por isso a marginalizam. Lembro a esses que os Ex-alunos são o fruto dos nossos trabalhos. Nós em nossas casas não trabalhamos para que nos paguem a mensalidade, ou para obter que os jovens sejam bons somente quando estão entre nós, mas para fazer deles bons cristãos. Portanto a Organização é obra de perseverança: com ela queremos reintroduzi-los se por acaso se desviaram... nos sacrificamos por eles e o nosso sacrifício não pode andar perdido”<sup>22</sup>.

Encontrando-se certa vez num Congresso de Ex-alunos — afirma o Sr. Arturo Poesio — e “tendo sabido que estes estavam muito preocupados em como pagar as despesas de 1.500 libras, que era o custo do banquete, para não pesar de maneira alguma sobre as finanças do Colégio, o Servo de Deus, elogiando a atitude dos Ex-alunos, declarou que se uma Casa salesiana tivesse em caixa só 1.500 libras ele teria aprovado que fossem gastas no banquete dos Ex-alunos, porque nenhum sacrifício teria sido mais agradável ao seu coração do que este de reunir ao seu redor os seus filhos”<sup>23</sup>.

Observa o Pe. Céria: “foi afirmado claramente e com verdade que o Pe. Rinaldi ‘disciplinou com genialidade de intuição o Movimento dos Ex-alunos e o quis como força viva, organizada e operante no mundo do bem’ ”<sup>24</sup>.

Queridos irmãos, quis sublinhar, mesmo rapidamente, a obra e o pensamento do Pe. Rinaldi, porque sua figura hoje renasce nos nossos corações pela esperança de sua próxima beatificação. Dele testemunhou o Pe. Francésia (que viveu tantos anos com o nosso

<sup>22</sup> ACS 36, p. 518.

<sup>23</sup> Congregação para as Causas dos Santos, *Positio*, Roma, 1972, p. 32.

<sup>24</sup> E. Céria, *Vita del Servo di Dio Sac. Filippo Rinaldi*, SEI, Turim, p. 252.

Fundador) que só lhe faltava a voz de Dom Bosco, mas que todo o resto ele tinha. Foi um fiel e apostólico discípulo do Pai, do qual intuiu o coração e a magnanimidade, e que desenvolveu algumas sementes preciosas ainda não desabrochadas. Conhecemos, por exemplo, a história das Voluntárias de Dom Bosco; também a dos Ex-alunos é igualmente clara.

Escreve de fato o Sr. Arturo Poesio: "... a eloquência (do Pe. Rinaldi) era simples, espontânea, paterna e convincente. Somente uma vez assumiu um aspecto e uma linguagem de autoridade declarando, na qualidade de Reitor-Mor da Sociedade Salesiana, que a organização dos Ex-alunos deve ser considerada na lista daquelas 'novas famílias' que por obra de Dom Bosco floresceram na Igreja, às quais faz alusão no *Oremus* próprio do Santo"<sup>25</sup>.

A intercessão do Pe. Rinaldi nos ajude hoje a promover, numa Igreja renovada pelo Vaticano II, a prometedora Associação dos Ex-alunos como Grupo dinâmico da Família Salesiana.

### Ex-alunos "de Dom Bosco"

É bonito e estimulante notar que a denominação dada aos antigos alunos das nossas Casas não é a de Ex-alunos "salesianos", mas sim de "Ex-alunos de Dom Bosco". Considero isso uma escolha que, formulada historicamente pela primeira vez no Oratório e continuada depois em toda parte no tempo e no espaço, é para nós verdadeira e concretamente programática. Os Ex-alunos nasceram, podemos dizer, por auto-geração (como vimos) da "educação recebida" de Dom Bosco e de seus primeiros colaboradores. Uma educação que foi criando relações vitais e que quis expressar-se sempre no nome daquele que a tinha inspirado com a doação de seu coração e com genialidade pedagógica, e que concentrara todas as suas qualidades e os seus dons extraordinários em transmiti-los aos seus: "basta que sejais jovens, para que eu vos queira muito; por vós estudo, por vós trabalho, por vós eu vivo, por vós estou disposto até a dar a vida"<sup>26</sup>. Dom Bosco dedicou-se de verdade à educação dos jovens com toda a sensibilidade do seu coração oratoriano, "com firmeza e constância, por entre obstáculos e canseiras: 'Não deu passo, não pronunciou palavra,

<sup>25</sup> Congregação para as Causas dos Santos, *Positio*, Roma, 1972, p. 28.

<sup>26</sup> Cf. Const. 14.

não pôs mão em empreendimento que não visasse a salvação da juventude' ”<sup>27</sup>. Os seus alunos experimentaram-no pessoalmente e sentiram nascer em si mesmos os profundos laços de filiação, de gratidão e de testemunho dos valores contidos na sua amorosa obra educativa.

É nele que encontramos o segredo original e as riquezas pedagógicas de uma educação que cria laços de família.

No 1.º Congresso dos Ex-alunos de 1911 decidiu-se erguer um monumento à memória de Dom Bosco na praça de Maria Auxiliadora, em Valdocco. A revista mensal *Federazione*, que apareceu em 1913, acolhia a adesão entusiasta e a colaboração de numerosos Ex-alunos e Ex-alunas que “aderiram sem distinção”<sup>28</sup>. Entre os 62 modelos foi escolhido, sem não poucas dificuldades, o do artista Gaetano Cellini. O primeiro presidente dos Ex-alunos, Prof. Gribaudo, apresentou a motivação escrevendo que “num monumento nos campos de Valdocco Dom Bosco só podia ser representado no meio dos meninos. Assim o vimos, sempre assim. Eu mesmo, que só tinha doze anos quando entrei no Oratório, fiquei comovido em ver o grande número de crianças que quase se agarravam às suas mãos, quando ele passava pelo pátio. Todos corriam ao seu encontro, e ficávamos satisfeitos em tocar só um dedo de sua mão; e ele sorria-nos com aquele olhar vivo e penetrante... Aquele era Dom Bosco, o nosso pai, o pai de todos nós garotos”<sup>29</sup>.

Por causa da Primeira Guerra Mundial, a inauguração do monumento só foi possível no dia 23 de maio de 1920. Foi uma apoteose com três congressos internacionais dos Cooperadores, dos Ex-alunos e das Ex-alunas, que representavam 23 nações.

Quem desce para Valdocco e contempla o grande monumento deverá pensar no significado vivo e mundial da “educação recebida” nas casas de Dom Bosco.

Falar hoje da “educação recebida” para indicar o título de pertença dos Ex-alunos à Família Salesiana, significa lembrar o ambiente carismático das origens e considerar seu prolongamento e desenvolvimento homogêneo nestes mais de cem anos.

<sup>27</sup> Cf. Const. 21.

<sup>28</sup> E. Céria, o.c., p. 254.

<sup>29</sup> E. Céria, o.c., p. 256.

Encontramo-nos portanto na presença de um título de pertença que faz parte integrante do carisma do Fundador. Para compreender melhor a natureza e para esclarecer as exigências operacionais e organizativas na atual mudança cultural e eclesial, será preciso estudar o Sistema Preventivo.

### **Os valores da educação salesiana**

A educação é algo mais e diferente de uma simples introdução ao ambiente e à cultura típica de uma sociedade. Certamente hoje, em qualquer lugar, é preciso ter em conta a profunda evolução humana que está acontecendo, seja no mundo, seja na Igreja, com os seguintes problemas: negativos, o pluralismo relativista, a desorientação doutrinal e ética, as ideologias políticas totalizantes, as situações econômicas injustas, os conflitos e os antagonismos, o laicismo e o ateísmo, a crise familiar, a marginalização e as novas formas de abandono da juventude; ou, positivos, um novo crescimento dos valores humanos promovidos pelos sinais dos tempos, as corajosas perspectivas eclesiais desejadas pelo Concílio, o grande trabalho para uma nova evangelização, um sentido mais concreto da busca da solidariedade e da paz, uma vontade decidida em abrir espaços para a civilização do amor etc. Tudo isto indica a extraordinária urgência para iluminar e formar melhor a liberdade do homem desde a sua juventude.

A hora histórica em que vivemos coloca em primeiro plano a educação, e ao mesmo tempo levanta numerosos problemas de revisão e de perspectiva relacionados com os fins, os conteúdos, os métodos, os meios e as instituições. É preciso ter uma visão renovada da educação que seja concreta e específica, não abstrata e genérica, integralmente humana e atual, respondendo às exigências de cada País; comprometida em formular objetivos e estratégias à luz de uma autêntica visão antropológica e de fé; endereçada em conseguir uma liberdade amadurecida e correta através de processos de crescimento diferenciados, de acordo com as várias idades e as condições existenciais; capaz de uma visão crítica na promoção da pessoa para que não seja cópia de modismos e ideologias; verdadeiramente libertadora de opressões e tabus; realista e criativa e portanto aberta a uma contínua auto-revisão para elaborar com ela um projeto de vida.

Não é possível entreter-nos, aqui, para aprofundar uma problemática tão vasta e complexa. Porém, se quisermos relançar os

Ex-alunos para que não sejam só “ex-escolares”, mas um verdadeiro Grupo da Família Salesiana, precisamos retomar o Sistema Preventivo de Dom Bosco para perceber seus grandes princípios e aprofundar com perspectivas de futuro as suas linhas mestras; só assim permanecerá vivo e fecundo, para os nossos Ex-alunos, o título de pertença “pela educação recebida”.

O Sistema Preventivo é considerado um dos elementos componentes do carisma de Dom Bosco; neste sentido foi reestudado em profundidade nos nossos trabalhos pós-conciliares, especialmente no CG 21.

A educação é para nós o caminho sobre o qual avança a consagração apostólica salesiana; nós evangelizamos “educando”; criamos cultura “educando”; participamos do compromisso em favor da justiça e da paz “educando”; promovemos a pessoa “educando”; construímos a Igreja “educando”; fazemos pastoral (juvenil, vocacional, popular) “educando”. Se fazemos pastoral “educando”, quer dizer, entre outras coisas, que os nossos Ex-alunos não virão somente das escolas, mas de todos os tipos de presenças e centros juvenis em que trabalhamos “educando”.

O Sistema Preventivo, nos disse o CG 21, “não indica somente um conjunto de conteúdos a serem transmitidos ou uma série de métodos e de procedimentos a serem comunicados; não é nem pura pedagogia nem só catequese. O Sistema Preventivo, como foi vivido por Dom Bosco e seus continuadores, apareceu sempre como síntese rica de conteúdos e métodos; de processos de promoção humana e ao mesmo tempo, de anúncio evangélico e de compreensão da vida cristã; nas suas metas, nos seus conteúdos, nos seus momentos de atuação concreta, ele lembra contemporaneamente as três palavras com as quais Dom Bosco o definia: razão, religião, carinho”<sup>30</sup>.

Esse trinômio atravessará os séculos. A nós hoje compete repensar sua aplicação de acordo com as diferentes culturas em que trabalhamos, mas olhando sempre para o Oratório de Dom Bosco como modelo ao qual nos inspirar.

Reflitamos portanto, muito rapidamente, sobre alguns pontos que parecem já assimilados por todos nós, mas que questionam a nossa renovação pedagógica para relançar os Ex-alunos e as concretas finalidades de sua Associação.

<sup>30</sup> Atos do CG 21, 80.

— A palavra “razão”, além do “bom senso” fundamental, apela hoje para as diferentes disciplinas antropológicas que constituem o conjunto de “ciências da educação”; ao seu desenvolvimento, compreensão e ensino estão dedicadas também duas Faculdades salesianas em Roma, a da UPS e a do “Auxilium” das Filhas de Maria Auxiliadora. As diferentes culturas e as mudanças provocadas pelos sinais dos tempos exigem novas competências por parte dos educadores e a capacidade de uma nova revisão do projeto educativo em ação. A visão humanista, no conjunto integral dos seus conteúdos, a formação da liberdade na busca e cuidado do bem (preventividade), a busca autêntica do amor e a visão objetiva da sexualidade, a proposta de ideais em que a vida apareça como missão, a responsabilidade de uma competente profissionalidade, a iniciação no mundo do trabalho, o reto discernimento da consciência, o sentido da solidariedade, a projeção familiar e política da vida, as realidades da ordem temporal em sua autêntica dimensão laical, a dignidade e papel da mulher, os grandes horizontes da justiça e da paz, a iniciação em promover os valores humanos colaborando com as pessoas de boa vontade, uma adequada disciplina de vida etc., são todos desafios concretos para os educadores de hoje, a fim de que sua atividade pedagógica esteja, na verdade, em sintonia com a “razão”.

— A palavra “religião” constitui para Dom Bosco um elemento absolutamente indispensável da educação. No núcleo central de toda cultura encontram-se sempre valores religiosos; até numa hipotética cultura atéia está no centro, como fermento da sua estruturação, a negação de Deus. Em Dom Bosco a religião é a motivação e o impulso de toda a sua opção pedagógica. Para ele “religião” significou de fato a Fé católica; ele educou para o Evangelho de Cristo, promovendo e ajudando a amadurecer pedagogicamente a opção batismal nos seus jovens. Hoje o Vaticano II abriu amplas fronteiras de renovação; elas exigem de nós educadores uma capacidade evangelizadora e catequética comprovada. É preciso assumir a herança profética do Concílio. Em particular, a palavra “religião”, além de significar uma renovada sensibilidade ecumênica entre cristãos não católicos, exige de muitos de nós um conhecimento direto e a valorização daquelas Religiões não cristãs que são praticadas em numerosas regiões onde se localizam os nossos centros educativos. A abertura ao transcendente, a busca da verdade sobre Deus, a pedagogia da oração, o valor das celebrações litúrgicas, o significado da fraternidade humana, a sacralidade da vida, uma ética e uma espiritualidade do comporta-

mento, uma concreta modalidade de ascese, a gratuidade do dom na maneira de viver e de trabalhar, as valores particulares e também os defeitos da religiosidade popular etc., são aspectos importantes para uma pedagogia que quer formar para a liberdade na vida concreta. Neste campo bastante delicado, mas indispensável, é preciso ter prudência para saber individualizar objetivamente e evitar prudentemente certas atitudes supersticiosas e tabus religioso-culturais indignos da dignidade da pessoa humana e em evidente contradição com a história da salvação.

— Por fim, a palavra “carinho” comporta aquele envolvimento afetivo na educação que constitui o aspecto mais característico da metodologia pedagógica de Dom Bosco. Criar um ambiente educativo marcado pelo espírito de família, pela confiança mútua, pelo diálogo fácil, pela amizade, pela alegria, por uma convivência interessada não só pelos aspectos escolares mas também pelas grandes possibilidades que o tempo livre oferece, pelo esporte, pelo teatro, pela música, pelo associacionismo, pelas iniciativas dos serviços sociais e apostólicos, ou seja, por aquele “clima oratoriano” em que a obra educativa torna-se para os jovens “casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que encaminha para a vida, e pátio para se encontrarem como amigos e viverem com alegria”<sup>31</sup>. Neste clima favorece-se e vai-se seguindo o protagonismo dos próprios jovens com iniciativas, grupos, associações que dêem sentido, utilidade e atração para o tempo livre.

A construção de um semelhante “ambiente educativo”, em que se desenvolvem as relações de amizade entre educandos e educadores, é sem dúvida o elemento que mais assegura o nascimento e o crescimento daqueles laços de afeto e de vida (quase de parentesco), que, terminada a etapa da educação juvenil, permanecerão na vida dos Ex-alunos; é sobretudo por isto que eles continuarão a se sentir família com Dom Bosco e os seus.

### Vários graus de assimilação dos valores

O artigo 5.º das Constituições fala de educação “recebida”. Não é suficiente ter freqüentado uma obra salesiana para ser depois um verdadeiro Ex-aluno. Aquele prefixo ou partícula “Ex” pode tornar-se ambíguo. Se de fato indicasse simplesmente a

<sup>31</sup> Const. 40.

condição de quem durante a juventude esteve numa obra salesiana e a deixou como se deixa um hotel ou como quem sai desiludido, não serviria para indicar exatamente a natureza da Associação e a sua pertença à Família Salesiana: significaria somente um grupo de antigos companheiros (poucos ou muitos que sejam), pelos quais a Associação deveria interessar-se relançando entre eles alguns valores educativos que ficaram só num estado embrionário e que foram abafados pelo barulho e corre-corre da vida. No entanto aquele prefixo, unido à palavra aluno, quer indicar de fato a realidade da assimilação de tantos valores educativos, o seu amadurecimento e, portanto, a continuidade de uma atitude de “formação permanente” ao longo da vida. Isto constitui exatamente a característica da natureza da Associação.

Os Ex-alunos unem-se e constituem a Associação porque sentem laços de gratidão e pensam que juntos com os Salesianos podem fazer crescer a “educação recebida” e fazê-la frutificar.

Evidentemente a assimilação dos valores terá graus e modalidades diferentes de acordo com as culturas, as religiões, a qualidade educativa da obra, a capacidade de assimilação de cada um.

Em particular: os valores da “razão” e da “religião” poderão ser desenvolvidos, em diferentes situações, com uma certa pluriformidade; para o elemento “carinho”, no entanto, deve-se ter sempre um intenso grau de presença em toda obra salesiana, tornando-se assim a medida para julgar a fidelidade ao Sistema Preventivo por parte dos Salesianos e dos seus colaboradores em cada uma das obras. É este o filão dourado que abre continuamente o caminho à toda ação formativa também na vida. Considero verdadeiramente inexplicável que existam obras salesianas que não possuem e não cuidam dos Ex-alunos; a história do Oratório de Valdocco é bem outra!

A consideração da variedade de modalidades e de graus de participação está assinalada no artigo constitucional, quando afirma que a pertença dos Ex-alunos à nossa Família “torna-se mais estreita quando se comprometem a participar da ação salesiana no mundo”<sup>32</sup>.

Antes de mais nada é importante observar que cada Ex-aluno tem relações com a Família Salesiana através da sua Associação; isto é, também para ele (como para os Salesianos, as Filhas de

---

<sup>32</sup> Const. 5.

Maria Auxiliadora e para os Cooperadores) existe um compromisso assumido pessoalmente: o de se filiar à Associação, adquirindo assim em plenitude o título de pertença a um dos Grupos “instituídos”<sup>33</sup>. O seu “Grupo instituído” é uma Associação que possui como característica fundamental, comum a todos os seus membros, a relação com a “educação recebida” e o propósito de fazê-la frutificar.

“Mais estreita” intensidade de pertença expressa-se, pois, de fato com modalidades diversificadas, porque “a missão salesiana no mundo” pode ser vivida e assumida em situações religiosas e de acordo com convicções pessoais objetivamente diferentes, com a condição que nos Ex-alunos associados permaneça um núcleo real de valores comuns “através da educação recebida”.

No Estatuto próprio da Associação lê-se que eles “buscam consolidar o vínculo de amizade que os une aos seus educadores e os une entre si, e conservar e desenvolver os princípios que estiveram na raiz da sua formação para traduzi-los em autênticos compromissos de vida”<sup>34</sup>; e falando da Conferência mundial afirma-se que “tem como finalidade que os sócios conservem, aprofundem e atuem os princípios educativos salesianos recebidos”<sup>35</sup>.

A Associação dos Ex-alunos, portanto, apresenta, como tal, uma característica marcadamente própria “sem distinções étnicas e de religião”<sup>36</sup>. Por isso, não é fácil estabelecer, em nível mundial de Confederação, a possível variedade de graus para “mais estreita” participação na missão salesiana; indicaremos mais adiante algumas modalidades concretas já experimentadas. Aqui parece importante sublinhar que a vida da Associação nasce da base, ou seja, das Uniões ou Centros locais onde as pessoas se conhecem e possuem uma visão mais concreta e homogênea da “educação recebida”, e podem, portanto, determinar na prática em que consiste para cada Centro ou União “mais estreita participação na missão salesiana” em sua região e no contexto da própria situação religiosa, cultural e social. Neste sentido ninguém deve ficar espantado se a situação dos Ex-alunos muda de lugar para

<sup>33</sup> Cf. O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco — Guia à leitura das Constituições salesianas, p. 114.

<sup>34</sup> Estatuto, art. 1.º.

<sup>35</sup> Estatuto, art. 3.º.

<sup>36</sup> Estatuto, art. 1.º,d.

lugar. A tentativa de estruturar demasiado em níveis mais altos pode resultar não benéfica. A animação mais apropriada e mais penetrante está ligada em primeiro lugar à vitalidade dos grupos locais. É ali que é preciso insistir como estratégia de encontro e de formação permanente. A vida das Uniãos locais é percebida mais facilmente pelos associados e mais participada.

Certamente uma adequada organização no contexto inspetorial, nacional e mundial não só é útil, mas necessária; ela mesma, porém, deve ser dirigida para servir, animar, sugerir, estimular, apoiar (às vezes também suprir) as iniciativas próprias das Uniãos locais para que saibam fazer frutificar concretamente “a educação recebida”.

Hoje, após o Vaticano II, uma participação “mais estreita” na missão salesiana pode ser iluminada também por orientações ecumênicas<sup>37</sup>, pela abertura de diálogo com as Religiões não cristãs<sup>38</sup> e pela atividade de serviço ao homem envolvendo também os não crentes de boa vontade<sup>39</sup>.

Um aspecto peculiar sublinhado pelo CG 21<sup>40</sup> é o dos Ex-alunos católicos “que fizeram a escolha no campo da evangelização”. Sua participação “mais estreita” aproxima-se muito dos Cooperadores Salesianos. Exatamente por isso estão convidados a se filiar aos Cooperadores: “a comunidade — afirmam os nossos Regulamentos — ajude os mais sensíveis aos valores salesianos a amadurecer a vocação de Cooperador”<sup>41</sup>. Todavia as duas Associações distinguem-se, enquanto tais, uma da outra. A dos Ex-alunos possui uma fisionomia peculiar, ligada à finalidade, à comunhão e às iniciativas inerentes à “educação recebida”.

A Associação dos Cooperadores não é, em si, alternativa à dos Ex-alunos; constitui mais um centro de referência espiritual e eclesial para aqueles que fizeram a escolha no campo da evangelização. Os Ex-alunos “Cooperadores” assumem generosamente, como “leigos” convictos, as finalidades da própria Associação de Ex-alunos e colocam à disposição dela as riquezas da graça de Cristo no espírito de Dom Bosco para fazer frutificar entre os

<sup>37</sup> Cf. *Unitatis Redintegratio*.

<sup>38</sup> Cf. *Nostra Aetate*.

<sup>39</sup> Cf. *Instrução do Secretariado para os não-crentes da Cúria Romana*.

<sup>40</sup> Cf. CG 21, 69.

<sup>41</sup> Regul. 39.

associados e entre os antigos colegas afastados “a educação recebida”.

Portanto: a assimilação dos valores do Sistema Preventivo apresenta um variado leque de possibilidades para maior ou menor participação na missão salesiana no mundo. Por aquilo que depende das nossas comunidades tem extraordinária importância o cuidado por parte dos Inspetores e dos Diretores (com os seus Delegados) na animação que assegure a fidelidade às finalidades da Associação e à autêntica inspiração de Dom Bosco. Deveríamos todos saber lembrar e imitar a compreensão, a acolhida, a dedicação e as iniciativas do nosso Fundador e do Pe. Rinaldi. Não é um trabalho fácil; há necessidade de pessoas competentes e com certa influência, que saibam se relacionar com pessoas maduras e que tenham claro e atualizado o patrimônio dos valores do Sistema Preventivo.

#### **Algumas modalidades de participação dos Ex-alunos na missão de Dom Bosco**

O título da educação recebida não é, como vimos, algo de superficial que se sobrepõe artificialmente como a douradura ao metal. Trata-se de uma realidade vital de gratidão, de comunhão e de propósitos à luz mesma do projeto educativo vivido em novas experiências de vida, de trabalho, de estudo, de perspectivas pessoais e sociais.

A natureza e a atividade da Associação está ligada intrinsecamente a este título de pertença. Deve saber perceber os vastos horizontes sem se confundir nem com a Associação dos Cooperadores, nem com qualquer associação profana, independente, enfraquecendo assim sua identidade.

De que maneira, portanto, a Associação dos Ex-alunos participa da vida e das atividades da Família Salesiana? Buscaremos apresentar uma resposta esclarecedora olhando a história e a realidade atual.

— Uma primeira modalidade é a preocupação com a “formação permanente” dos associados. É uma tarefa própria da “educação recebida”, porquanto toda educação (sobretudo nesta hora de mudanças culturais) precisa crescer e adaptar-se às novas exigências de maneira contínua e renovada. O Estatuto da Confe-

deração mundial afirma que os Ex-alunos buscam “conservar e desenvolver os princípios que estiveram na raiz da sua formação, para traduzi-los em autênticos compromissos de vida”<sup>42</sup>, e que “vêm no Reitor-Mor a figura do próprio Dom Bosco e reconhecem nele o guia; pedem a assistência dos salesianos para uma educação espiritual permanente, aprofundada e adequada”<sup>43</sup>.

Neste setor existe um aspecto bem concreto de serviço de animação próprio das nossas comunidades e dos irmãos para com os Ex-alunos. Saber programar e fazer funcionar iniciativas de formação permanente servirá para fortalecer a qualidade dos Centros ou Uniãos locais e das Federações inspetoriais em sua participação à missão.

— Uma outra atividade própria da Associação é a de realizar a exortação feita aos antigos alunos pelo próprio Dom Bosco: “de ficarem unidos e de se ajudarem” preocupados não só com o fortalecimento organizativo e funcional da Associação<sup>44</sup>, mas também com o auxílio mútuo a cada um em suas necessidades e, sobretudo com o contato amigo entre os antigos colegas afastados por mil razões diferentes. É bem verdade que aqueles que “não estão filiados a um determinado Centro local, não são sócios efetivos da Confederação, mas eles são considerados pertencentes ao ‘movimento Ex-alunos de Dom Bosco’ ”<sup>45</sup>. Por isso seus nomes são conservados num fichário próprio para manter viva sua lembrança e para procurar envolvê-los nas atividades de formação e de apostolado.

Eis um espaço natural para a expansão da Associação a que podem contribuir os irmãos que conheceram os antigos alunos atualmente afastados.

— Uma outra importante tarefa da Associação é a que se relaciona com a *vida familiar* de cada um. Isto supõe o conhecimento e a defesa dos direitos e deveres da família na sociedade. No Estatuto lê-se que os Ex-alunos se comprometem em promover e defender os grandes valores da família humana<sup>46</sup>, que enfrenta hoje um perigoso momento de crise. Aí, em sua família, têm eles a possibilidade, como já sugerira Dom Bosco, de praticar

<sup>42</sup> Art. 1.º,b.

<sup>43</sup> Art. 1.º,e.

<sup>44</sup> Cf. Documento Adjunto 5,1.

<sup>45</sup> Documento Adjunto 2.

<sup>46</sup> Cf. Estatuto 3,a.

a metodologia pedagógica assimilada durante os anos da educação. Eis outra situação bem atual para medir o trabalho pedagógico, de ontem e de hoje, das nossas comunidades educadoras. Como se aplica o Sistema Preventivo (para expor depois nas famílias)? Que formação é dada aos jovens que se preparam ao matrimônio? Em que consiste programaticamente a formação ao amor? Como são enfrentadas as exigências de uma correta educação sexual? Que ética conjugal se apresenta? Como se insiste sobre a sacralidade da vida? etc. Estes aspectos nos fazem ver a necessidade urgente de uma concreta "pastoral familiar" a ser projetada e realizada (em sintonia com a pastoral juvenil) nas nossas Casas de acordo com as possibilidades próprias do tipo de presença educativa.

Lembro a acertada observação feita por um bispo na assembléia do Sínodo de '80 sobre a família; já falei disso numa circular, lembrando que "o tema da família, mais do que um setor sobre o qual convergir as nossas revisões programáticas, é uma dimensão privilegiada para repensar e projetar mais realística e inteligentemente, de acordo com o projeto divino, toda a pastoral"<sup>47</sup>: portanto a nossa pastoral juvenil e os projetos educativos concretos das Inspetorias e das Casas devem ter na devida conta esta ótica verdadeiramente estratégica. Disse na ocasião aquele bispo: "a família é minúscula, mas possui em si uma energia superior à do átomo. Da humilde pequenês de milhões de lares, a Igreja pode relançar a força do amor necessário para torná-la Sacramento da unidade entre os homens"<sup>48</sup>.

Se a essência de toda verdadeira educação é o de saber conduzir ao amor, será necessário que toda a pastoral da Igreja (e portanto também a nossa) concorra para que a família humana se torne efetivamente "a escola do amor". Ajudemos os Ex-alunos a tornarem eficaz a educação salesiana no íntimo de suas famílias!

— Um outro trabalho que caracteriza a atividade da Associação é o de dividir e de privilegiar o grande problema da *educação da juventude*. Os Ex-alunos afirmam que "considerando a urgência do problema da juventude do nosso tempo, (a Associação) busca desenvolver ao máximo as atividades aptas a interessar os jovens nos diferentes campos das ações sócio-apos-

<sup>47</sup> ACG 299, janeiro-março 1981, "Apelos do Sínodo '80", p. 8.

<sup>48</sup> Mons. Francisco J. Cox: 14/10/1980.

tólicas; encoraja as iniciativas e os ajuda para que assumam responsabilidades em todos os níveis”<sup>49</sup>.

Todos conhecemos a urgência deste problema e a necessidade de dar vida a múltiplas iniciativas para colaborar, mesmo que limitadamente, para uma solução. É um problema universal; encontramos-lo em todas as partes do mundo, em diferentes condições juvenis. Graças a Deus, também o espírito de Dom Bosco é universal, e se encontra vivo e operante em todos os continentes: um único espírito, uma mesma missão, na pluralidade das situações culturais, sociais e pastorais. Que valores deverão buscar os Ex-alunos em prol da juventude?

Na fidelidade ao carisma de Dom Bosco eles deverão saber analisar as necessidades juvenis na perspectiva das três dimensões do Sistema Preventivo. No âmbito da “razão”, os problemas relativos aos valores humanos; no âmbito da “religião”, os problemas da fé e de uma espiritualidade da vida; no âmbito do “carinho”, o que se relaciona com o método considerando a pouca penetração da escola e sobretudo da família e do amor: é urgente portanto apontar critérios para uma válida metodologia pedagógica a ser aplicada.

Este é um trabalho que abre um vastíssimo panorama de atividades. Evidentemente, também aqui é preciso rever toda a programação das nossas comunidades educativas e o significado atual das nossas obras com vistas a uma resposta prática aos desafios juvenis. Poder-se-á assim orientar melhor as iniciativas dos Ex-alunos fortalecendo ou complementando as nossas respostas com as deles e até chegar, de acordo com as exigências concretas dos lugares, a um plano de conjunto de toda a Família Salesiana que aí trabalha.

— Uma outra finalidade à qual a Associação dos Ex-alunos se propõe é: “a defesa e promoção dos valores inerentes à pessoa humana e o respeito da dignidade do homem”; e “a promoção e elevação cultural, social, moral, espiritual e religiosa conforme a educação recebida”<sup>50</sup>. No seu “Documento Adjunto” (para a aplicação do Estatuto) os Ex-alunos esclarecem ainda mais este campo de tipo sócio-cultural tão característico: “estimular uma sadia e profunda *preparação sócio-política* dos Ex-alunos — hoje, mais

<sup>49</sup> Documento Adjunto 5,2.

<sup>50</sup> Estatuto 3,a.

do que nunca, urgente e necessária — que não se limite somente à teoria, mas que também se comprometa em assumir o próprio dever político de bom cidadão e concretas realizações sociais, a criação de associações que tenham caráter de ajuda mútua etc.”; e “incrementar atividades apostólico-sociais, com particular interesse pela justiça, a paz, a fraternidade”<sup>51</sup>.

É necessário acrescentar a fundamental importância que tem hoje a *comunicação social* e como a utilização dos seus meios, também os mais sofisticados, pode ser utilizada e orientada por muitos Ex-alunos que adquiriram especial competência.

Também esta finalidade supõe uma “educação recebida” de especial clareza e qualidade com vistas à reta estruturação da ordem temporal. O Vaticano II e o ensinamento social do Magistério abriram aos educadores vastos horizontes de renovação que exigem competência e contínua renovação. A nossa maneira de educar necessita, queridos irmãos, de uma revisão neste setor, não para nos meter na política partidária, mas para colocar em prática o que nos propõe o importante art. 33 das Constituições. Precisamos promover a justiça e a paz “educando”; e na educação devemos testemunhar concretamente o nosso amor preferencial pelos pobres. Somos chamados a realizar uma “educação libertadora” aurindo os ideais a partir da práxis vivida por Dom Bosco na fonte da secular fé cristã, iluminada continuamente pelo Magistério vivo da Igreja. Os Ex-alunos esperam de nós orientações claras e esse respeito.

— A participação da Associação na missão de Dom Bosco comporta ainda o propósito de incrementar a *comunhão ativa com toda a Família Salesiana* e com cada um dos Grupos, seja em nível mundial, seja em nível inspetorial e local, com as comunidades e pessoas presentes na região. O título de pertença pela educação une facilmente a Associação a todos os membros da Família, mas de maneira especial os três Grupos fundados por Dom Bosco: aos Salesianos, às Filhas de Maria Auxiliadora e aos Cooperadores.

A renovação do Carisma de Dom Bosco pede hoje aos Ex-alunos para que intensifiquem concretamente os vínculos de participação e comunhão sobretudo com estes três Grupos, de várias maneiras e de acordo com a natureza e o papel de cada um deles.

<sup>51</sup> Documento Adjunto 5,d,c.

Este seu propósito deve ser continuamente lembrado e facilitado através da nossa animação.

O art. 5.º das Constituições assegura a nós Salesianos, “por vontade do Fundador”, a não indiferente responsabilidade de “manter a unidade do espírito e a estimular o diálogo e a colaboração fraterna por mútuo enriquecimento e maior fecundidade apostólica”.

Infelizmente alguns irmãos precisam ainda mudar a mentalidade neste ponto e considerar este aspecto como uma das “grandes linhas sobre as quais concentrar toda a nossa atenção e endereçar os esforços concretos”; como dizia o Reitor-Mor, Pe. Luís Ricceri, na apresentação dos Atos do CG 20: “é urgente restituir às nossas comunidades a dimensão de núcleo animador de outras forças espirituais e apostólicas (as da Família Salesiana!); disso tirarão elas mesmas (as nossas comunidades) grandes vantagens espirituais e apostólicas”<sup>52</sup>.

O saber cultivar e intensificar as relações dos Ex-alunos conosco, em primeiro lugar e depois com os outros Grupos (especialmente com os Cooperadores), é uma tarefa às vezes delicada, mas compensadora que torna na verdade possível a apresentação da nossa Família, em cada região, como um “Movimento eclesial” vivo e marcante, assim como é sugerido pela Lembrança deste ano.

Um sinal concreto da vontade política que os Ex-alunos têm de colocar em prática este propósito é o acordo que fizeram com a Associação das Ex-alunas das Filhas de Maria Auxiliadora para a realização de um comum e único Congresso Internacional no mês de novembro de '88 para comemorar solenemente Dom Bosco.

— Por fim, uma outra tarefa não indiferente é a de *cuidar dos alunos no final do currículo formativo* mostrando-lhes as vantagens em serem membros da Associação. O fluxo de jovens é buscado pelos Ex-alunos, porque desejam ser um grupo “sempre juvenil”; “isto será possível se a Associação for continuamente estimulada por milhares e milhares de jovens que saem das obras salesianas”<sup>53</sup>.

Este compromisso louvável e vital, enquanto requer dos mesmos Ex-alunos uma dedicação prática para um envolvimento

<sup>52</sup> Pe. Luís Ricceri, CG 20, p. XVIII.

<sup>53</sup> Documento Adjunto 1,b.

agradável dos jovens, exige das nossas comunidades locais um inteligente e planejado trabalho para orientar os alunos dos últimos anos na direção de possibilidades concretas com vistas a um maior crescimento salesiano nesses grupos da nossa Família mais próximos ao seu projeto de vida, em particular (geralmente para a maioria) na direção da Associação dos Ex-alunos.

Portanto: a modalidade com que a Associação dos Ex-alunos participa da missão de Dom Bosco no mundo não é indiferente. É múltipla nas possibilidades: apresentamos sete. Essa participação constitui a prova operacional da sua pertença à Família Salesiana, que tornar-se-á “mais estreita” de acordo com o grau de compromisso demonstrado nas atividades concretas acima indicadas, sem excluir níveis diferenciados que se estendem também a modalidades ecumênicas de diálogo inter-religioso ou de simples boa vontade humana.

#### **A tarefa das Comunidades salesianas**

As reflexões até aqui feitas são um convite para os Inspectores e os Diretores, mas também para cada um dos Irmãos, a rever a própria sensibilidade, o trabalho pessoal e das comunidades e a validade e eficácia dos serviços a serem prestados aos Ex-alunos. Deve ser bem considerado o art. 39 dos Regulamentos.

Podemos distinguir dois momentos complementares do nosso compromisso de responsabilidade: — o que se refere à qualidade da educação dada em nossas obras; — e o que é exigido diretamente pela vida e pela atividade de sua Associação.

— O primeiro momento (o da qualidade da educação) já o indicamos substancialmente, vez por vez, considerando algumas atividades que a Associação realiza. Aqui poderíamos novamente sublinhar o pensamento claro de Dom Bosco e do Pe. Rinaldi: os Ex-alunos representam no mundo o fruto dos nossos trabalhos. A educação em nossas obras é toda ela endereçada, com intuito social e eclesial, à vida madura do honesto cidadão e do bom cristão. Trabalhamos portanto para que se formem autênticos Ex-alunos; promovemos uma educação que garanta uma posterior pertença à Família Salesiana. Esquecer isto seria sentenciar superado o Sistema Preventivo de Dom Bosco.

— O segundo momento é do cuidado e animação da mesma Associação. Se pensarmos no número muito grande dos nossos

Ex-alunos, se estamos convencidos (porque o constatamos dia após dia) que a herança do espírito de Dom Bosco é hoje muito viva e benéfica, se olharmos para a crescente e imensa massa de jovens necessitados em favor dos quais o nosso Fundador sentiu-se chamado por Deus a uma missão particular, ouviremos insistente o apelo para buscar e estimular todas as forças disponíveis da Família Salesiana; nela os Ex-alunos constituem sem dúvida uma grande força, rica de possibilidades. É uma providencial potencialidade salesiana a ser incrementada em cada um dos setores de atividades acima indicadas.

Podemos acrescentar, aqui, também o convite para favorecer o "voluntariado" (especialmente dos Ex-alunos jovens) com múltiplas perspectivas também missionárias.

Trata-se, porém, de saber dialogar e realizar a comunhão de espírito e de intenções com uma Associação de pessoas maduras, que é em si mesma multiplicadora da educação salesiana, e que traz consigo uma admirável possibilidade de colaboração e de elaboração de novas e benéficas iniciativas. Para isso será necessário que as nossas comunidades tomem consciência e saibam colher as válidas perspectivas para o futuro, sempre que sejam comunidades abertas, acolhedoras, disponíveis e habilitadas ao diálogo.

Nos programas de animação e de formação permanentes dos irmãos será necessário planejar tempo e modalidades de sensibilização para que sejam envolvidos conscientemente na atuação das orientações dos últimos Capítulos Gerais sobre o assunto.

O Inspetor, particularmente, considere importante a escolha de um Delegado inspetorial qualificado e idôneo; planeje reuniões de Diretores em que compreendam com clareza as responsabilidades de animação e de ação que correspondem às suas comunidades e saibam escolher, se for o caso, Delegados locais que interpretem e traduzam na prática esta tarefa em cada comunidade. Deve-se, porém, entender que os Delegados, nos diferentes escalões, não têm a tarefa de substituir os responsáveis da animação (que são o Inspetor, o Diretor e toda a Comunidade), mas sim de interpretá-la em sua vontade prática de ação. Será também oportuno cultivar um diálogo respeitoso e prático com as Filhas de Maria Auxiliadora em relação à Associação das Ex-alunas.

O Inspetor e os Diretores, no âmbito das suas responsabilidades, valorizem a possibilidade de consultas periódicas para

rever a realidade vital e para projetar na região atividades de comum interesse, sobretudo em favor da juventude.

Como vedes, prezados irmãos, esta tarefa que consta do mandato constitucional nos lembra ainda uma vez que a verdadeira identidade de uma comunidade salesiana não é o de fazer tudo sozinha, mas o de ser um verdadeiro “núcleo animador” de tantas outras forças apostólicas e sociais.

### **Importância vital da espiritualidade**

A Lembrança deste ano de '87 fala-nos da necessidade de alimentar e tornar operativas algumas “idéias-força” que possam apresentar a Família Salesiana como um Movimento eclesial que marque a história. Sem uma energia mística interior não se consegue atingir ninguém e nem poderemos ser “missionários” e “carismáticos” dos jovens.

Para que uma Comunidade salesiana seja realmente “núcleo animador” é preciso que seus membros sejam ricos de interioridade e que neles vibre uma espiritualidade e se respire comunitariamente uma renovada atmosfera pentecostal. Nós a chamamos hoje de “espiritualidade juvenil”, porque está toda orientada à educação e à evangelização da juventude, mas é própria, antes e sobretudo, dos adultos da nossa Família para que dêem vida em si mesmos à paternidade e maternidade educativas. Temos uma sintética descrição autorizada disso no capítulo 2 das nossas Constituições, que apresenta o “espírito salesiano” de Dom Bosco.

Trata-se de um estilo especial em ser discípulo de Cristo; é uma maneira característica de viver o Seu Espírito; é uma escuta contemplativa e operante da Palavra de Deus, como a de Maria; é um freqüente encontro eucarístico e penitencial; é uma experiência de fé, esperança e caridade para transformar o cotidiano; é fazer da nossa existência um sacramento de salvação; é sinal escatológico “da força da ressurreição”<sup>54</sup> em sintonia com as energias vivas da juventude; é uma irresistível paixão pelo Reino (“da mihi animas”) numa efetiva colaboração com os Pastores da Igreja; é amor capaz da doação de si mesmo no sacrifício; é alegria e otimismo mesmo na visão realista do pecado e do mal;

<sup>54</sup> Const. 63.

é versatilidade, trabalho e temperança numa simplicidade de família; é argumento espontâneo de comunicação de quem possui no coração uma história de santidade para narrar aos outros, sobretudo aos jovens.

No último Capítulo Geral 22 declaramos guerra à superficialidade espiritual; para '88 nos propusemos interiorizar o novo texto da nossa Regra de vida e de relançar na vida a Profissão salesiana. Portanto: toda a Família Salesiana, e em particular os Cooperadores e os Ex-alunos, esperam de nós o contato vivo e salutar com o espírito de Dom Bosco; os jovens pedem de nós a atração de uma espiritualidade mais próxima deles e as energias simples e poderosas de uma santidade para a vida de todos os dias que envolva a realidade, mesmo a monótona do cotidiano, as dificuldades da existência e os pedidos das horas difíceis e mais exigentes com a vivificante transcendência do espírito das Bem-aventuranças.

Uma semelhante espiritualidade é necessária em todas as culturas e possui ricos elementos vitais para serem compartilhados também por cristãos não católicos, membros de Religiões não cristãs e até por não crentes de boa vontade.

A experiência mais do que secular da vitalidade do espírito de Dom Bosco e os resultados concretos da sua pedagogia em todos os continentes constituem um precioso apelo para nós para sermos como o Fundador verdadeiros "carismáticos dos jovens".

Queridos irmãos, concluo.

Nós desejamos de todo o coração e quanto antes a beatificação do Pe. Rinaldi. Ele é o grande inspirador da Associação dos Ex-alunos e do céu certamente cuida dela.

Invoquemos todos de Deus, autor de todo bem, o "dom" do reconhecimento oficial da sua santidade salesiana; será significativo e benéfico para os jovens e para toda a nossa Família; mas sobretudo ficarão felizes as Voluntárias de Dom Bosco e os Ex-alunos.

Maria Auxiliadora presente ao Pai, durante os próximos meses, esta nossa insistente oração:

“Ó Deus, que no venerável Filipe Rinaldi, imagem viva de Dom Bosco, destes novo vigor e melhor desenvolvimento ao Carisma da Família Salesiana, glorifica este teu Servo; fazei de nós seus generosos imitadores na capacidade de animação dos numerosos e válidos missionários dos jovens!”.

O Pe. Rinaldi interceda por nós, pelas Filhas de Maria Auxiliadora, pelos Cooperadores, e, de maneira particular, pelas Voluntárias de Dom Bosco e pelos Ex-alunos.

Na espera do '88, saúda-vos com afeto,

P. Filipe Rinaldi

## 2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

---

### 2.1. SÁBADO, 14 DE MAIO DE 1988: DIA DA PROFISSÃO SALESIANA

Pe. Gaetano SCRIVO  
Vicário do Reitor-Mor

A comemoração centenária da morte de Dom Bosco — como nos dizia o Reitor-Mor na circular de outubro-dezembro de 1986 — nos convida a uma especial renovação da Profissão. “Em nível de Congregação — escrevia o VII Sucessor de Dom Bosco — nos colocamos numa espécie de ‘estado de noviciado’ para um prolongado e intenso trabalho de formação permanente. *Queremos, em 1988, realizar uma solene renovação da nossa Profissão religiosa*, como expressão viva daquela consagração apostólica que o texto das Constituições, no espírito do Concílio, nos ensinou a conhecer melhor, a valorizar e a testemunhar com mais autêntica profundidade e profética atualidade” (cf. ACG 319, p. 11).

O Reitor-Mor com o seu Conselho estudou a possibilidade concreta no sentido de fixar uma data para essa renovação e escolheu, para toda a Congregação, *o dia 14 de maio de 1988*.

Todos os irmãos, todas as Inspetorias e cada Comunidade (seguindo uma adequada programação inspetorial) renovarão naquela data de maneira solene e comunitária a Profissão salesiana.

É muito significativo sentir-nos unidos no mesmo dia para dar graças a Deus Pai e para nos ofertar a Ele, que nos chamou por nome, um por um, de todos os continentes para sermos na Igreja sinais e portadores do seu amor aos jovens (cf. Const. 2).

Por que o dia 14 de maio?

É um sábado do mês de Maria Auxiliadora e lembra o dia memorável de 1862, quando Dom Bosco e vinte e dois dos seus jovens professaram pela primeira vez em Valdocco a Profissão religiosa salesiana. Nossa Senhora preparara ao Fundador, no mês a Ela dedicado, a maior das consolações: foi uma noite de alegria indescritível!

“O Sr. Dom Bosco, Reitor — está escrito nas Atas — com a sobrepeliz, convidou a todos para que se ajoelhassem, e ajoelhado

ele também (perto da mesa em que estava o Crucifixo), começou a rezar o *Veni Creator* (e outras orações); terminadas estas, (os vinte e dois) pronunciaram em voz alta e clara, todos juntos, a fórmula dos votos (repetindo palavra por palavra, à medida que o Pe. Rua a lia). Feito isso, cada um assinou o livro apropriado”.

O Pe. Bonetti, um dos vinte e dois, lembra que “depois disso Dom Bosco, de pé, nos dirigiu algumas palavras para nos encorajar mais ainda para o futuro. Entre outras coisas disse ainda: ‘Alguém poderá me perguntar: — Dom Bosco, o senhor também fez estes votos? — Eis: enquanto vós fazíeis estes votos a mim (por três anos), eu os fazia também a este Crucifixo por toda a minha vida, oferecendo-me em sacrifício a Deus, disposto a tudo, para buscar a sua maior glória e a salvação das almas, especialmente para o bem da juventude. Ajude-nos Deus a sermos fiéis às nossas promessas!’.

Pronunciadas estas memoráveis palavras, todos nos levantamos e ele continuou: ‘Queridos filhos, vivemos em tempos difíceis e pode parecer quase uma temeridade nesta triste época procurar nos inserir numa nova comunidade religiosa, enquanto o mundo e o inferno com todo o poder buscam arrancar da terra aquelas que já existem. Mas não importa! Eu não tenho só prováveis, mas sim seguros argumentos ser vontade de Deus que a nossa Sociedade comece e continue... Não acabaria nesta noite, também se quisesse, de vos contar os atos especiais de proteção que tivemos do céu, desde que começou o nosso Oratório. Tudo nos convence de que nós estamos com Deus. Podemos em nossas atividades ir adiante com confiança, sabendo que estamos realizando a sua santa vontade’ ” (MB VII, pp. 160-164).

Esta página histórica e comovedora não necessita de comentários. No ano centenário da morte de Dom Bosco nós queremos revivê-la em plenitude de doação e na esperança que saberemos percorrer até a meta, guiados por Maria, o caminho salesiano que conduz ao Amor (cf. Const. 196).

Preparemo-nos, portanto, pessoal e comunitariamente, para o dia 14 de maio de 1988.

Que nesse dia, Deus enriqueça a nossa liberdade com a plenitude do Seu Espírito para que todos nós, que estamos com Dom Bosco, possamos fielmente realizar com o Seu auxílio o que por seu dom renovaremos com alegria.

## 2.2. AS NOSSAS CELEBRAÇÕES

### RENOVAÇÃO LITÚRGICA, CRIATIVIDADE E NORMAS

Pe. Paulo NATALI

#### Conselheiro geral para a Formação

“Com os jovens recolhemos e continuamos dinamicamente a herança do Concílio”: é um compromisso que dá solidez e abertura de horizontes rumo a '88.

Um dos presentes que o Espírito ofereceu à Igreja através do Concílio é a renovação litúrgica. Nestas páginas analisaremos brevemente as nossas celebrações litúrgicas com a intenção de estimular o compromisso de todos e aprofundar a qualidade. É um convite para avaliar a situação, escolher os meios e favorecer as iniciativas para um autêntico processo de renovação.

Nesta perspectiva lembramos alguns pontos da avaliação eclesial e retomaremos as indicações dos nossos Capítulos gerais.

### 1. A RENOVAÇÃO LITÚRGICA NA IGREJA: AVALIAÇÃO PARA UMA RETOMADA

Nos últimos anos não faltaram momentos oficiais para avaliar o movimento litúrgico seja em nível mundial<sup>1</sup>, seja em nível de Igrejas particulares. Motivados com a intenção de estimular e orientar, propor e corrigir, estes momentos evidenciaram sobretudo três aspectos:

- a constatação dos resultados alcançados;
- a necessidade de superar situações de estancamento, atitudes de um novo formalismo ou de indisciplina operacional, que manifestam uma pobre compreensão do Concílio e da vida da Igreja;

---

<sup>1</sup> Sínodo extraordinário dos Bispos vinte anos depois do Concílio Vaticano II, Roma, 24/11 — 8/12/1985; relação final: “A Igreja na Palavra de Deus celebra os mistérios de Cristo para a salvação do mundo” (citado: Sínodo); Encontro dos presidentes e secretários das comissões nacionais de Liturgia: “Vinte anos de reforma litúrgica: balanço e perspectivas”, Roma, 23-28/10/1984; *Notitiae* n. 220 (1984).

• e, sobretudo, a necessidade de continuar aprofundando o processo de renovação.

### 1.1. Um balanço positivo

“A renovação litúrgica é o fruto mais visível de toda a obra conciliar. Ainda que tenha havido algumas dificuldades, em geral ela foi acolhida pelos fiéis com alegria” (Sínodo extraordinário dos Bispos). Lembrar a caminhada feita suscita sentimentos de maravilha e de gratidão.

Não se trata de uma simples atualização ou de uma reforma superficial, mas de um processo que levou a uma renovação profunda do culto eclesial e da vida litúrgica na comunidade e em cada um dos fiéis. Podem-se captar os aspectos positivos e encorajadores: uma participação mais ativa e consciente nos mistérios litúrgicos; o crescimento do sentido comunitário; um enriquecimento doutrinal e catequético através do uso da língua vernácula e a abundância das leituras bíblicas; os esforços para diminuir a separação entre vida e culto, entre piedade litúrgica e devoções pessoais; o grande trabalho para a formação litúrgica<sup>2</sup>.

### 1.2. Situações não coerentes

Num processo tão amplo e novo era previsível que teriam surgido situações não totalmente coerentes, devido não só à mentalidade e sensibilidade diferentes, mas também devido a uma compreensão superficial da renovação e a um fraco sentido eclesial e comunitário na sua realização.

*Dois atitudes* não coerentes a serem realizadas parecem ser:

— *um novo formalismo*. Talvez seja menos perceptível do que aquele pré-conciliar, mas é igualmente infecundo e ilusório e está tomando o lugar do antigo. Trata-se de um ritualismo que não se preocupa em assumir e fazer viver o significado e a autenticidade do rito e portanto o esvazia; de uma celebração corriqueira quase “robotizada”, que não assume o ritmo e o contexto

<sup>2</sup> Congregação para os Sacramentos e para o Culto Divino, *Inestimabile donum*, sobre algumas normas com relação ao culto do mistério eucarístico, Roma, 3/4/1980 (citado: ID); cf. Premissa.

da oração; de um juridicismo preocupado por um lado, só com aquilo que é vinculante e por outro não aberto a tudo aquilo que a renovação e as orientações da Igreja confiaram à sensibilidade e às necessidades pastorais, no conjunto de uma sábia e equilibrada criatividade;

— uma vontade pouco motivada de *fazer mudanças injustificadas*. Pareceria de acordo com esta prática que a liturgia seria sempre por fazer. Confia-se na “espontaneidade”, confundindo-a com a autenticidade; buscam-se novidades que num primeiro momento talvez suscitem interesse, mas depois geram cansaço e desconforto, repulsa e gosto de enfado. Algumas manifestações destas atitudes se percebem no desconhecimento do caráter eclesial da liturgia (utilização de textos particulares, proliferação de orações eucarísticas não aprovadas, instrumentalização dos textos litúrgicos), em confundir papéis, especialmente naquilo que se refere ao ministério sacerdotal e ao papel dos leigos; numa perda crescente do sentido do sagrado: o abandono das vestes litúrgicas, falta de reverência ao Santíssimo Sacramento, pouca preocupação pelos lugares de culto e pela expressão artística e litúrgica<sup>3</sup>.

Na sua relação ao CG 22, o Reitor-Mor constatava: “... nalguns lugares está declinando a ‘pedagogia dos sinais’ ou do sagrado, e se permitem arbitrariedades em contraste com as disposições e normas episcopais”<sup>4</sup>.

São múltiplas e muitas vezes possuem *raízes profundas* as motivações e as intenções que buscam justificar estas atitudes. Sublinhou-o também o Reitor-Mor comentando o acontecimento que foi o Sínodo extraordinário:

“A perda do sentido do sagrado e da densidade teológica da liturgia incidiu negativamente sobre a verdadeira dimensão ‘sacramental’ da Igreja. Esse grave defeito moveu-se em duas direções.

A primeira é a de um obscurecimento da expressividade e da dignidade artística dos símbolos, pois banalizaram-se as celebrações, os sinais, as vestes, a música, os textos; manipulou-se a delicada natureza do sagrado feita para abrir o espírito à transcendência e para participar vitalmente nos eventos salvíficos de Jesus Cristo. Tanta arbitrariedade comprometeu o aspecto público e oficial da liturgia como ação de toda a Igreja.

<sup>3</sup> Cf. ID.

<sup>4</sup> A Sociedade de São Francisco de Sales no sexênio 1978-1983, Relação do Reitor-Mor, Pe. Egídio Viganó, Roma, novembro 1983, n. 285.

Outra direção insuficiente foi a de dedicar atenção quase exclusiva à renovação externa do aspecto simbólico, à introdução de novos sinais, à justa solicitude para mais objetiva inculturação litúrgica, ao melhoramento dos componentes rituais, como se tudo consistisse apenas nisso. Nem sempre se deu, lamentavelmente, a indispensável prioridade ao aspecto de introdução (= mistagogia), próprio da liturgia, ao seu sentido de adoração, à reatualização do sacrifício da cruz, ao único sacerdócio de Cristo que, ressuscitado, está presente na celebração mediante homens, ritos e coisas, e realiza pessoalmente agora, a verdadeira mediação entre Deus e o homem. Tudo isso traz o grave perigo de marginalizar o mistério, de apresentar uma Igreja esvaziada, de reduzir a Eucaristia a um banquete simbólico de simples fraternidade humana”<sup>5</sup>.

Diante destas situações, dos critérios e da mentalidade da qual derivam, os Pastores convidam a motivar e a “introduzir”, a formar e corrigir. A tarefa não é só a de retificar: é sobretudo a de explicar a raiz teológica da disciplina sacramental e da liturgia, de ajudar a compreender os critérios e o espírito da renovação, de fazer da catequese um caminho que introduza à vida litúrgica (catequese mistagógica), de formar e preparar os ministros através de um bom conhecimento da teologia litúrgica.

### 1.3. Uma renovação a ser aprofundada e continuada

A avaliação busca em primeiro lugar estimular e fazer crescer a fidelidade aos objetivos e aos conteúdos da reforma. O Sínodo e os vários documentos eclesiais propõem *quatro pontos*:

#### *a) Superar uma interpretação superficial e redutiva*

“A renovação litúrgica, diz o Sínodo dos Bispos, não pode ser limitada às cerimônias, aos ritos, aos textos. A participação ativa não consiste só na atividade externa.” A celebração não é um suceder-se de cerimônias e nem a simples repetição de um rito. O rito deve significar a celebração da vida no mistério da salvação em Cristo com a Igreja.

<sup>5</sup> ACG 316, p. 11.

*b) Promover a renovação interior*

É indispensável aquela renovação interior que abre o coração ao mistério e é o alicerce de uma participação espiritual, viva e frutuosa à Páscoa de Cristo. É necessária uma liturgia que favoreça e faça resplandecer o sentido do sagrado, que seja imbuída do espírito de reverência, de adoração e de glorificação de Deus (cf. Sínodo).

*c) Assegurar a formação e a renovação cultural*

Compreender e personalizar a linguagem litúrgica, que é grandemente simbólica (palavras, sinais, ações, ritos) e carregada de significado que a comunidade eclesial e a tradição de fé lhe atribuem, supõe para todos uma conveniente formação à liturgia, à espiritualidade, à celebração e às suas expressões, e uma renovação cultural, teológica e pastoral<sup>6</sup>. Para que os ritos se tornem significativos e conservem a sua autenticidade sem serem banalizados, para que se tornem evocativos daquilo que Deus realizou pela salvação do seu povo e ainda hoje opera na celebração, é indispensável conhecer o valor dos gestos que são feitos, dos sinais que estão indicados, e valorizá-los plenamente de acordo com as exigências da assembléia e as peculiaridades das culturas locais, de acordo com as disposições das Conferências episcopais.

O primeiro elemento para este conhecimento o oferecem os próprios livros litúrgicos e os documentos que os acompanham, muitas vezes pouco conhecidos.

*d) Cuidar juntos de uma adaptação criativa e da fidelidade às normas*

Também a experiência pós-conciliar demonstrou que sem a compreensão do espírito da liturgia e sem o conhecimento dos princípios que a animam, não é fácil alcançar aquele justo equilíbrio, desejado pela reforma, entre adaptação criativa e fidelidade às normas.

Não ser nem “dono” nem “simples executor” das normas válidas para todos, mas o verdadeiro mediador entre o livro e a

<sup>6</sup> Congregação para a Educação Católica, *Instrução sobre a formação litúrgica nos seminários*, Roma, 3/6/1979; *A Formação dos Salesianos de Dom Bosco, Princípios e Normas*, Roma, 1985; *Liturgia e música na formação salesiana*, Encontro europeu dos docentes e expertos de Liturgia e Música, promovido pelo Dicastério para a Formação salesiana (aos cuidados de Manlio Sodí, SDB), Roma, 1984.

assembléia, entre a norma universal e as exigências de cada comunidade, supõe no ministro uma capacidade que não se improvisa.

É necessário, portanto, ter constantemente presente:

— o texto sagrado, o livro litúrgico, a tradição oral da Igreja, evitando cair naquela “criatividade selvagem”, que está em contradição não só com as “normas”, mas também com a natureza da liturgia;

— e a assembléia que celebra: os seus sentimentos, a sua história cotidiana, o seu nível de evangelização e de fé.

Para despertar e celebrar esta sintonia é importante valorizar com sensibilidade animadora e criativa as possibilidades oferecidas pelo próprio rito. Uma introdução eficaz, uma oração adaptada às circunstâncias, um canto próprio, a capacidade de infundir vida e significado sempre novos na própria repetição ritual das ações litúrgicas, são todos meios aconselhados e suficientes para “encarnar” e atualizar uma celebração.

Como de fato não se pode confundir a verdadeira criatividade com a busca da novidade a todo custo<sup>7</sup>, assim nem sempre a observância literal e escrupulosa da norma é sinal de fidelidade meritória. Afastando as possibilidades de escolha e de adaptação, ela poderia ser manifestação de incapacidade e de preguiça. No não sempre fácil equilíbrio entre fidelidade à norma e atenção ao homem, está o frágil limite de uma legítima e necessária criatividade<sup>8</sup>.

## 2. PARA UMA AVALIAÇÃO E UMA RETOMADA QUALITATIVA DAS NOSSAS CELEBRAÇÕES

O Concílio representa também para nós salesianos um passo decisivo na compreensão da liturgia. “A renovação litúrgica promovida pelo Vaticano II nos fez percorrer um longo caminho nem sempre fácil”<sup>9</sup>.

O que lembramos até agora, retomando alguns aspectos da análise eclesial, pode ser um ponto de partida para uma avaliação

<sup>7</sup> Cf. ID.

<sup>8</sup> Cf. Conferência Episcopal Italiana-Comissão episcopal para a liturgia, **A renovação litúrgica na Itália**, nota pastoral depois de vinte anos da Constituição conciliar **Sacrosantum Concilium**, Roma, 9/1983.

<sup>9</sup> DSM (**O Diretor salesiano. Manual**), Roma, 1986, p. 192.

e uma retomada também em nossas casas. Este tema poderia ser longamente desenvolvido nos seus diferentes aspectos: espiritual, formativo, cultural, pedagógico-pastoral, ministerial...; e com relação à comunidade salesiana, aos jovens, ao povo em situações de evangelização diversificadas. A nós interessa agora, como se colocou no início destas reflexões, animar os irmãos a continuarem o caminho rumo a uma verdadeira renovação das nossas celebrações. Interessa-nos que sejam asseguradas as atitudes fundamentais e que se escolha a pedagogia mais eficaz para superar situações ou linhas de conduta arbitrárias.

As páginas precedentes levantam várias perguntas; além daquilo que está contido nos “prenotanda” de cada um dos livros litúrgicos também as breves e significativas *indicações que aparecem nos últimos Capítulos gerais* nos ajudam a sublinhar alguns pontos dignos de atenção. Ei-los:

### **2.1. Para uma liturgia viva e renovada**

O CGE<sup>10</sup> quer de nós uma vida de oração e ao mesmo tempo uma vida litúrgica viva e renovada. Ela não deve ser um complexo de cerimônias e de ritos, mas a participação no mistério de Cristo e na sua Páscoa, vividos numa espiritualidade alimentada pelo sentido da história da salvação e da compreensão da linguagem sacramental. É uma experiência que brota da atitude do coração, da fé e da unidade entre vida e liturgia, que transforma a celebração num rito vivo, participado, criativo.

### **2.2. Aproveitar das riquezas da liturgia**

O CG 21 reconhece que os irmãos “sabem aproveitar das riquezas da liturgia e das experiências eclesiais de renovação”<sup>11</sup>.

A maneira mais autêntica para realizar isso, chegando a uma harmoniosa unidade entre espiritualidade litúrgica e espírito salesiano no-lo apresentam as Constituições. Elas inserem o nosso diálogo com o Senhor numa dimensão “profundamente eclesial

---

<sup>10</sup> CGE 544.

<sup>11</sup> CG 21, 45.

que responde às exigências da renovação litúrgica promovida pelo Vaticano II”<sup>12</sup>.

### 2.3. Acolher e assumir como nossas as indicações e orientações eclesiais no campo litúrgico

Foi esta a orientação do CGE: “Fieis aos exemplos de Dom Bosco, que nos seus tempos se manifestava e era verdadeiro inovador no campo da liturgia juvenil, acolhemos com verdadeiro entusiasmo e, na prática, fazemos nossas as orientações e as linhas renovadoras da Igreja de hoje no campo litúrgico”<sup>13</sup>. Queremos sentir com a Igreja, conformando-nos de maneira ativa e inteligente na liturgia.

“Acolher” quer dizer conhecer os objetivos e os conteúdos, as orientações e as possibilidades, as tarefas e as normas. As vezes dá a impressão que não conhecemos o conteúdo dos livros litúrgicos e dos principais documentos que os acompanham.

“Fazer nossas” significa assumir o espírito, vivê-lo e fazê-lo viver através da linguagem própria da liturgia, de acordo com as indicações e as linhas orientadoras dos Pastores. Aqui está o fundamento daquela equilibrada espontaneidade e criatividade de que fala o CG 21<sup>14</sup>. Equilíbrio pode significar tantas coisas. Para nós salesianos poderá ser definido como “eclesialidade”. É fidelidade às orientações dadas pelas competentes autoridades dentro das celebrações. Esta fidelidade é garantia de equilíbrio e este equilíbrio é ao mesmo tempo disciplina consciente e responsabilidade animadora e criativa. O amor de Dom Bosco e dos salesianos à Igreja demonstra-se também nesta atitude.

### 2.4. Cuidar da formação litúrgica: iniciação e condições

Analogamente ao que diz o CGE<sup>15</sup> sobre a formação à oração pode-se considerar correto o fato de que não existe renovação autêntica sem uma séria formação à liturgia nos seus diferentes

---

<sup>12</sup> O Projeto de vida dos salesianos. Guia à leitura das Constituições salesianas, p. 611.

<sup>13</sup> CGE 544.

<sup>14</sup> CG 21, 45.

<sup>15</sup> CGE 551s.

aspectos e sem uma constante preocupação que assume as condições internas e externas de toda celebração. Isto é verdadeiro não somente para os irmãos em formação inicial: a FSDB dá sobre isso oportunas orientações. É verdadeiro também para todos os irmãos, primeiros responsáveis pela própria formação, e especialmente para os animadores inspetoriais e locais que devem promover através de iniciativas ocasionais ou sistemáticas as atitudes exigidas pela renovação litúrgica.

### 2.5. Intensificar o serviço de animação

O CG 21, afirmando a importância da animação nas comunidades salesianas, constatava infelizmente a falta de mestres e animadores espirituais e litúrgicos capazes de ajudá-los e o insuficiente envolvimento para a sua preparação. Trata-se sem dúvida de uma tarefa de âmbito inspetorial (preparar pessoas, organizar encontros, elaborar subsídios...). Mas é necessário também dizer que às vezes nas comunidades locais, existem irmãos capazes e se conhecem formas simples e eficazes de animação; mas nem sempre é estimulada a contribuição de todos. Quantas vezes a presença de um irmão generoso, entusiasmado e competente ajuda a comunidade a encontrar um estilo celebrativo apropriado. É importante que se organizem as formas de colaboração, que se estabeleçam e definam tarefas, que se programem na devida forma os momentos mais significativos do ano litúrgico ou as ocasiões para uma avaliação. Podem ser lidas com proveito neste sentido as páginas que o DSM dedica à animação do "diálogo com o Senhor" na comunidade local<sup>16</sup>.

### 2.6. Avaliar periodicamente a qualidade das celebrações litúrgicas

Os Regulamentos gerais estabelecem que cada comunidade programe, atue e verifique periodicamente a vida de oração (Regul. 69), e apresentam as particulares responsabilidades do diretor (Regul. 174) e da Assembléia dos irmãos (Regul. 184). Como tradução concreta desta norma, o DSM fala do *scrutinium orationis*<sup>17</sup>. Por estes mesmos motivos e neste contexto é conveniente

<sup>16</sup> DSM, especialmente os números 192-196.

<sup>17</sup> DSM, 239.

que toda comunidade verifique a própria “vida litúrgica”, a qualidade das suas celebrações litúrgicas, dando espaço a oportunas iniciativas (Regul. 174).

De tudo isso que sinteticamente indicamos, uma avaliação comunitária poderia se pautar nestas perguntas:

- Como avaliamos a nossa renovação litúrgica?
- Entre os aspectos de crescimento, quais apontamos mais significativos em nível pessoal, comunitário, pastoral?
- Que situações (critérios, hábitos, expressões, condições...) deveriam ser revistas, corrigidas, superadas?
- Como aprofundar a renovação para chegar a uma liturgia viva?
- Como fazer crescer a qualidade das nossas celebrações?
- Como aproveitar das riquezas da liturgia?
- Como assegurar a formação litúrgica (permanente) e a animação litúrgica?
- Como superar o formalismo habitual e a passividade ou uma práxis que não respeita as normas eclesiais?
- Como cuidar das condições internas e externas de cada celebração?

## Conclusão

“Não fiques satisfeitos em “fazer liturgia”: vive-a e faze-a viver”<sup>18</sup>.

É um conselho que se dá a todo diretor salesiano como animador da comunidade, mas é válido para todos. É importante receber com entusiasmo e responsabilidade as orientações da Igreja. É necessário aproveitar os subsídios e as possibilidades de atualização em nível teológico, litúrgico, celebrativo. É sobretudo imprescindível deixar-se penetrar pelo espírito e pela força da liturgia<sup>19</sup>.

Na perspectiva de '88, uma das melhores maneiras para entregar o Concílio aos jovens é vivê-lo.

<sup>18</sup> DSM, 193.

<sup>19</sup> SC 14.

### 2.3. EM BUSCA DE UMA RENOVAÇÃO SALESIANA NA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Pe. Sérgio CUEVAS LEÓN  
Conselheiro geral para a Comunicação Social

Na Carta “A Comunicação Social nos interpela” (outubro-dezembro de 1981) o Reitor-Mor, Pe. Egidio Viganó escrevia: “Julgo útil convidar-vos a avivar na consciência a importância que devemos dar à Comunicação Social na nossa vida e missão” (p. 4).

É, em síntese, o ponto de partida e a orientação que vão ter estas páginas.

#### 1. POR QUE NOS INTERESSAMOS PELA COMUNICAÇÃO SOCIAL

1.1. Com uma felicíssima expressão, falando a um grupo de bispos franceses, o Papa João Paulo II lembrava que “é preciso recolocar em circulação Deus no nosso tempo” (19/12/82) e na “Mensagem ao Encontro 1986 de Rímíni” o Papa acrescentava: “É um campo imenso e fascinante o da comunicação social que deve constituir *uma das fronteiras primárias da tarefa missionária* das várias comunidades eclesiais e de cada um dos cristãos” (*L'Osservatore Romano*, 24/8/86).

Ainda o Reitor-Mor, na citada carta: “Não esqueçamos que a comunicação social faz parte da nossa missão como um dos serviços principais”.

Os *mass media* tornaram-se (como lembra McLuhan) o “prolongamento de nós mesmos”: modificaram não somente horários de vida, gostos e hábitos, mas também costumes e mentalidade das pessoas; criaram uma nova cultura, uma nova linguagem e até um novo homem: o homem audiovisivo!

*Viver é comunicar. E comunicar é viver.* A mesma palavra “comunicar” traz em sua raiz aquele “com” que faz emergir uma necessária participação (“una cum”); explicando, poder-se-ia definir a comunicação como “informação que obtem resposta”, pondo em destaque uma ativação de relações, um certo diálogo,

até um pouco de dialética; comunicação que favorece o encontro das pessoas, que oferece espaço para o testemunho e para o diálogo com Deus. A informação está na raiz de toda comunicação que envolve, que obriga a se interrogar e a responder. O desenvolvimento de uma verdadeira educação e de uma adequada evangelização passa através do crescimento da comunicação interpessoal e social.

Também a comunidade eclesial (é, de fato, evidente a passagem da *comunicação à comunhão* e, desta, a uma expressão comunitária, de acordo com a natureza social do homem), deve obviamente se colocar nesta perspectiva.

Origem de toda autêntica comunicação eclesial é Cristo, que é, afirma-o a instrução *Communio et Progressio*, o perfeito “Comunicador do Pai”: Jesus é a Palavra de Deus; e é próprio de toda palavra ser instrumento de comunicação.

Uma última passagem: o amor não pode ser privatizado; o dom de Deus é por sua natureza comunicativo; a “missão”, a pastoral é um elemento necessário à vida cristã; uma verdadeira comunidade cristã se realiza somente quando for missionária. A missão é conteúdo de comunicação, é ânsia de comunicar. A nossa missão, hoje — para lembrar a imagem de João Paulo II —, é colocar ou recolocar Deus em circulação no mundo. Da comunicativa depende também a penetração da mensagem educativa e pastoral.

1.2. Estamos passando da idade industrial à *idade da informação*, tão vasto é o desenvolvimento dos *mass media* e das tecnologias avançadas da comunicação, em todos os sentidos e em todos os níveis. Nem pode passar despercebida a significativa coincidência de interesse — atual — levada adiante pela Congregação Salesiana no campo das Comunicações Sociais. É, portanto, razoável pensar numa providencial, grande oportunidade de aprofundamento e de presença, que não pode ser marginalizada e que interessa a toda a Família Salesiana e nele a nossa Congregação, para uma especial responsabilidade: somos profetas de um mundo novo!

1.3. Os meios de comunicação social fazem parte da vida atual: ninguém pode prescindir deles, se quiser estar no seu tempo, isto é, no tempo em que Deus o colocou para viver. A vida da grande maioria da humanidade, hoje, está orientada pelos meios de comunicação social, que “mais de perto tocam a

vida do espírito e servem diretamente ou através de artifícios de imagens e de sons, para comunicar às multidões, com extrema facilidade, notícias, idéias e ensinamentos” (Pio XII, *Miranda Prorsus*). Os meios de comunicação social “possuem enorme importância para a formação da opinião pública e da consciência cristã e para a catequese, a pastoral, a vida mesma humana e religiosa” (*Inter Mirifica*).

Os Salesianos devem sentir-se orientados pessoalmente para esta dimensão e para este gênero de apostolado através do exemplo e do pensamento de Dom Bosco (Circular de Dom Bosco do dia 19 de março de 1885), das Constituições: o campo da comunicação social “está entre as prioridades apostólicas da missão salesiana” (cf. Const. 43), isto em toda a tradição e pela própria natureza popular de sua missão.

## 2. A COMUNICAÇÃO SOCIAL E OS JOVENS

2.1. Os instrumentos de comunicação social são em si indiferentes para o bem ou para o mal, mas como eles criam mentalidade, linguagem, expressões, cultura, civilização, sistemas de vida, opiniões, códigos, e estão “unificando” o mundo, é urgente e indispensável endereçá-los para o bem, sobretudo porque o seu influxo é determinante para o “mundo” em que vivem hoje os jovens: “A nossa vocação é marcada por um dom especial de Deus: a predileção pelos jovens” (cf. Const. 14), do qual a Congregação Salesiana tem a responsabilidade: “Como educadores colaboramos com os jovens a fim de desenvolver-lhes as capacidades e aptidões até a plena maturidade” (Cf. Const. 32): uma influência ainda mais marcante para o mundo do amanhã, em que falarão aqueles jovens educados hoje nos colégios e nos oratórios, nos movimentos associativos e nas estruturas educativas dos salesianos.

2.2. Comunicar é uma realidade complexa, o acontecimento fundamental sobre o qual se constrói a vida. Nenhuma pessoa, de fato, se realiza completamente a não ser em relação com os outros; e todas as relações humanas estão alicerçadas sobre a comunicação. Se não se comunica, não se vive. Vivemos enquanto comunicamos. Na atual sociedade da informação, o desenvolvimento de tudo — cultural, intelectual, moral, econômico, religioso — depende da capacidade e da força da comunicação, com os seus métodos e os seus meios. O desafio mais forte será o de

instruir, formar e educar os jovens de hoje para que trabalhem na sociedade da comunicação.

A Congregação Salesiana deve ter a habilidade de se aventurar também ela neste futuro, arriscado mas fascinante. E tudo dependerá da força que tiverem os salesianos de se auto-formarem e de educar, orientar, formar os jovens a eles confiados.

2.3. A comunicação social é um *aspecto e uma dimensão da atividade educativa salesiana*, não somente como produção e difusão — feita com profissionalidade e capacidade gerencial — de livros, revistas, materiais audiovisuais, programas radiofônicos e televisivos. A comunicação pode se estender, de fato, como atitude, capacidade e disponibilidade para “educar evangelizando”, como habilidade para fazer crescer o homem nas suas relações com o mundo, com a sua história e com a sua fé, para que se torne livre e responsável; com uma atenção especial ao contexto social, para criar um ambiente, influir sobre a opinião pública, ser criticamente consciente das mensagens veiculadas pelos vários meios, para elaborar projetos educativos e pastorais de amplitude social.

Torna-se, portanto, necessário pesquisar profundamente a influência da comunicação social como fator de mentalidade educativa, tendo sempre em conta os riscos de uma comunicação deixada a si mesma, especialmente se eletrônica, sem apropriadas intervenções educativas: riscos como a passividade, a indiferença, o “entrar na onda”, o relativismo moral, formas mais ou menos acentuadas de volta ao analfabetismo e de separação da experiência direta, lesões da dignidade da pessoa etc. E, por outro lado, é bom considerar as grandes vantagens de uma consciência verdadeiramente humanizante dos modernos meios de comunicação: consciência mais viva da ampla realidade do mundo; disponibilidade para ouvir a mensagem cristã e para o compromisso eclesial; métodos produtivos de aprofundamentos dos problemas também teóricos, mas sobretudo operacionais; possibilidade de transmitir num templo real uma mensagem verdadeiramente marcante para cada ambiente, sobretudo para os jovens; reequilíbrio de oportunidades educativas para classes, grupos e até para povos em desvantagem, fazendo-os protagonistas da própria história no cenário do mundo.

2.4. Além de educativa, a comunicação social animada pelos salesianos deve ser *pastoral*, com forte conotação juvenil. A este propósito vem a calhar uma observação feita no “Encontro do

Clero romano 1986". Ei-la. Se a tarefa primária da Igreja é a evangelização, não existe evangelização sem comunicação entre os dois sujeitos: a Igreja e as jovens gerações. Neste tempo de mudanças culturais, pode-se adiantar a hipótese de que para muitos jovens a evangelização é uma comunicação sem mensagem, porque unidirecional (seja na "ida" ou na "volta"). De fato, por um lado muitos sinais aparecem incompreensíveis para as jovens gerações; e por outro, muitos jovens que receberam esta mensagem, quando traduzem a experiência de fé num projeto de vida, utilizam seus códigos simbólicos. E isto torna quase impossível — por parte dos responsáveis das comunidades eclesiais — avaliar corretamente suas respostas. A orientação pastoral da comunicação envolve o nosso estilo de sermos religiosos educadores (testemunho e serviço), qualifica nossas relações com os jovens; torna viva a nossa linguagem com eles; leva ao interesse apostólico e é um caminho de conversão, fortalece os modelos de vida inspirados pelo Evangelho etc.

### **3. SITUAÇÃO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL NA CONGREGAÇÃO SALESIANA**

3.1. A vastidão da dimensão comunicativa e o peso dos *mass media* exige — no processo de formação de cada salesiano — uma radical mudança na tomada de consciência das mudanças culturais que eles trouxeram e por conseguinte na ação perante as modificadas exigências da sociedade.

Desde o período de formação torna-se necessário nos salesianos a necessidade de uma profunda competência na arte da comunicação e de um constante estudo das novas linguagens comunicativas em si mesmas e nas relações com a catequese e a ação pastoral, como também de uma sistemática pesquisa entre evangelização e cultura.

Indispensável será, para a formação dos salesianos, uma séria pesquisa pedagógica, como também a encarnação viva de programas de estudo e de ação bem elaborados, sabendo que a comunicação social possui uma forte incidência na formação do salesiano educador e pastor.

3.2. Desta tomada de consciência, de assumir as responsabilidades e as atividades de estudo, intensifica-se um esforço que, dentro da tradição salesiana, deve se mover em duas direções,

com uma única meta: a educação dos jovens. A primeira dessas direções relaciona-se com a *animação*, a segunda com a *realização de específicos projetos*, de obras, de colaboração na Igreja no campo das Comunicações Sociais.

A animação articula-se: na sensibilização dos salesianos para trabalhar na comunicação social, considerando-a como fato cultural e educativo; na formação geral e específica e na sensibilidade às problemáticas globais da comunicação; na promoção e na coordenação dos centros e das estruturas, focalizando sempre as finalidades educativas (além das culturais e pastorais), na informação em todos os níveis, com a clara finalidade de difundir e fortalecer a imagem da Congregação.

A realização, pois, é tarefa sobretudo das inspetorias, que representam a Congregação e realizam sua vida e sua missão educativa num determinado território.

3.3. Será ainda oportuno lembrar a importância da presença dos *mass media* na vida e na missão da Congregação salesiana. A comunicação social foi sempre uma área de peculiar presença salesiana, em que Dom Bosco e os salesianos seguindo seu exemplo, trabalharam com dedicação, colocando em prática vários objetivos, visando a evangelização e a promoção humana dos seus destinatários (os jovens, as classes populares, as populações indígenas). Mas, para o futuro, é preciso um maior compromisso; é necessária uma "novidade de presença", de influência sobre os *mass media* no mundo que cresce continuamente.

#### 4. AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS À LUZ DO ÚLTIMO CAPÍTULO GERAL

4.1. Um verdadeiro comentário — oficial — que a Congregação salesiana dedicou à Comunicação social é o Capítulo geral 22, de 1984.

Após um longo debate, o Capítulo geral 22 manifestou-se com uma formulação de artigos novos e determinantes.

O sentido daquele debate, o espírito que o animava, o valor histórico daqueles artigos, estão presentes num documento conclusivo do Pe. Egídio Viganó sobre o "desafio" que os salesianos teriam — a partir daquele dia — de pôr em prática, respondendo às orientações do Capítulo geral 22. Vejamos os pontos essenciais:

— Maior presença na área da comunicação social, sobretudo a favor dos ambientes populares.

— Tarefa de evangelizar a cultura popular, particularmente através da Comunicação Social.

— O Capítulo geral 22 reafirmou que a Comunicação Social deve ser um dos traços vivos e essenciais da nossa atividade apostólica.

— É tarefa de toda a nossa Família comunicar o Evangelho..., ser uma vasta rede de difusão de valores e de bons princípios.

— Será indispensável ter cada vez mais clara na consciência a mensagem a ser proclamada.

— É preciso assumir seriamente o convite de Dom Bosco: 'Peço-vos e vos esconjuro que não descuideis desta parte importantíssima da nossa missão'.

— Se hoje a distância entre Evangelho e cultura tornou-se mais gritante por causa de uma comunicação superficial, religiosamente desinformada e muitas vezes impregnada de ideologia, é preciso de nossa parte colaborar para uma comunicação diferente, que seja força que 'plasma mentalidade' e cria cultura como uma autêntica escola alternativa".

## **5. ORIENTAÇÕES PRÁTICAS PARA AS INSPETORIAS**

5.1. Está profundamente modificada a natureza do Comunicador Salesiano, em todos os sentidos: cultural, pastoral, educativa.

Hoje, para o salesiano é prioritário querer e buscar a mentalidade do comunicador dentro de um novo modelo, que possui novas normas e uma nova estrutura por causa da nova sociedade.

5.2. Os objetivos permanecem os mesmos: os jovens e o povo. Eles devem porém, ser unidos sem superficialidade; não é mais suficiente o "talento", "o faro"; são fundamentais o estudo, a competência, a profissionalidade, a sabedoria comunicativa. Quando, depois, trata-se dos "meios" da Comunicação Social exigem-se sentido empresarial e manejo econômico.

5.3. A Comunicação Social — como toda finalidade da Congregação salesiana — encontra motivação não só nos artigos

específicos das Constituições, mas também em todos aqueles que caracterizam o salesiano:

— O salesiano deve ser um comunicador porque “nossa vocação exige que sejamos intimamente solidários com o mundo e com sua história” (Const. 7).

— A sua Comunicação deve ser atenta, inteligente, compreensiva, pedagógica: ele, de fato, é chamado a “ter sentido da realidade, estar atento aos sinais dos tempos” (Const. 19).

— “O Senhor indicou a Dom Bosco os jovens, especialmente os mais pobres, como primeiros e principais destinatários da sua missão” (Const. 26).

— “A promoção, à qual nos dedicamos em espírito evangélico, realiza o amor libertador de Cristo e constitui um sinal da presença do Reino de Deus” (Const. 33).

— Educamos e evangelizamos segundo um projeto de promoção integral do homem orientado para Cristo, homem perfeito (Const. 31).

— “Nossa ação apostólica realiza-se em pluralidade de formas, determinadas em primeiro lugar pelas exigências daqueles a quem nos dedicamos” (Const. 41).

5.4. Cada nação, inspetoria e comunidade deve ter seus programas, de acordo com as exigências que surgem do próprio contexto social. Também para a Comunicação Social, em nível inspetorial, o primeiro responsável é o próprio Inspetor, que indica um *ENCARREGADO inspetorial* ou *DELEGADO para a Comunicação Social*, que trabalha no setor específico, em sintonia e colaboração com os outros setores organizados inspetorialmente.

O Delegado para a Comunicação Social desenvolve a sua atividade:

— em favor dos salesianos e de sua formação à CS, com propostas e iniciativas para:

- a formação básica nos noviciados, pós-noviciados e comunidades formadoras (cf. Congregação para a Educação Católica, *Orientações para a formação dos futuros sacerdotes aos instrumentos da Comunicação Social*, Roma, 1986);

- a formação permanente: cursos, encontros...;

— em favor da Família Salesiana, ajudando nos compromissos, atividades...

— em favor do Mundo Juvenil e Popular, com associações, trabalhos, entidades...

— em favor dos vários serviços de Informação Salesiana, em nível central (ACG, ANS, livros, filmes, vídeos) e em nível inspetorial (Boletins, Noticiários, revistas, videocassetes)...

— em favor das Obras Específicas da CS (editoras, livrarias, centros de produções de audiovisuais e multimídia; emissoras de rádio e de televisão).

5.5. Acreditamos que um passo adiante de animação concreta poderá ser a criação de um *Centro Inspetorial para a Comunicação Social* em que, à luz das diretrizes do Capítulo Geral 22 e das Constituições, seja projetado um programa de comunicação com a contribuição e a mediação de todas as forças da Inspetoria: pastorais, educativas, culturais. Um programa com planos de desenvolvimento num curto e médio prazo, em duas direções: formativa e operacional. De acordo com as exigências e as capacidades de cada inspetoria.

Um *Centro Inspetorial para a Comunicação Social* deve ser feito “sob medida” para que seja realmente válido. Permitimo-nos porém fixar alguns elementos sobre os quais será possível modelar um centro próprio.

Este novo núcleo operacional de animação deverá desenvolver-se através de uma colaboração indispensável entre Congregação e Família Salesiana: religiosos e leigos.

Um primeiro objetivo será o de desenvolver uma política de arbitragem (cf. *Orientações operacionais para uma política da Comunicação Social*, p. 5), que eduque jovens, educadores, ambiente popular à leitura crítica das mensagens e ao uso didático e criativo dos MCS.

Um segundo objetivo colateral e quase complementação do primeiro será o de:

— enviar às Casas da Inspetoria serviços de promoção, como cursos de formação, seminários de estudo, programação de círculos culturais (teatrais, cinematográficos, radiotelevisivos, editoriais) e preparação de subsídios;

— administrar uma sala de imprensa com serviço de informação salesiana;

— entrelaçar e favorecer relações permanentes com as estruturas eclesiais e com todas as instituições que consideram a Comunicação Social indispensável à evangelização e à promoção humana.

## CONCLUSÕES

Diante de tudo o que foi apresentado, podemos concluir:

a) É urgente promover um processo de *mudança de mentalidade*. Os processos educativos e pastorais estão marcados por fortes condicionamentos e influências dos *mass media* na formação do jovem e da comunidade educativa. Por isso a necessidade de definir os objetivos a serem alcançados através dos *mass media*.

b) Assim como é urgente a *formação e a profissionalização dos salesianos* neste setor — trabalho já assinalado em anteriores documentos da Congregação e da Igreja — é também urgente a promoção de uma *continua pesquisa* sobre a influência que os *mass media* têm no amadurecimento social e no crescimento da fé dos nossos educandos nas diferentes culturas e territórios onde trabalhamos.

c) É oportuno também assinalar, especialmente para os salesianos que trabalham com os *mass media*, a *necessidade de oferecer oportunidades, subsídios e “produtos” altamente qualificados* que se distinguem dos produtos e mensagens de outras “agências culturais” e que propõe modelos de vida e de cultura não cristãs.

Neste sentido o educador salesiano deve conhecer em profundidade a exigência educacional, cultural e pastoral dos jovens para poder corresponder de maneira adequada.

Não esqueçamos que Dom Bosco, diante da problemática juvenil, trabalhou, foi criativo, audaz e cheio de criatividade pastoral, e guiado por Deus e por Nossa Senhora Auxiliadora, ofereceu “respostas completas”, envolvendo no seu projeto pessoas, ambientes e estruturas.

## 4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

### 4.1. Crônica do Reitor-Mor

Nestes meses, enquanto se desenvolvia o trabalho das reuniões do Conselho geral, o Reitor-Mor esteve duas vezes em Turim. No dia 24/1, para uma entrevista coletiva com numerosos jornalistas dos principais jornais italianos. Na oportunidade, juntamente com o Card. A. Ballestrero, comentou o *Breve Apostólico* pelo jubileu dos jovens e outras iniciativas em preparação às celebrações de '88. Voltou a Turim no dia 31/1 para a festa do nosso Pai Dom Bosco.

Esteve, nos dias 7-8/2 na cidade de Nice, na França, para a festa de Dom Bosco, sempre lembrado e muito popular na cidade. Numa celebração eucarística com a Família Salesiana teve a alegria de receber as Promessas de 16 Cooperadores muito ligados ao trabalho com os jovens.

No dia 13 do mesmo mês, com o Vicário geral, Pe. Caetano Scrivo, deu outra entrevista coletiva, em Roma, sobre o mesmo argumento da de Turim. Foi recebido em audiência no Vaticano pelo Papa, com quem teve um encontro reservado. Em seguida, uniram-se a ele também os membros do Conselho geral, Pe. Maraccani, e o Procurador, Pe. Fiora, para juntos agradecerem ao Santo Padre tudo o que fizera em prol do próximo centenário. Com essa audiência concluiu-se também a sessão plenária do Conselho geral.

Entre os dias 16-22/2 o Reitor-Mor esteve em Leusden (Holanda) e depois em Viena (Áustria), juntamente com vários Conselheiros dos Dicastérios centrais para as "Visitas de conjunto" às duas Inspetorias

de língua neerlandesa e às três Inspetorias de língua alemã.

De volta a Roma, entre os vários compromissos de animação, lembramos a conferência feita, na qualidade de Grão-Chanceler, ao Corpo Docente da Pontifícia Faculdade de Pedagogia "Auxilium", por ocasião da aprovação dos Estatutos renovados.

Viajou a 6/3 para Madri, onde abençoou a nova sede da Procuradoria Missionária. No dia 26/3 viajou para Assunção (Paraguai), para participar da Visita de conjunto às Inspetorias da Argentina, Paraguai e Uruguai. Em seguida, esteve em Brasília para o mesmo encontro com as Inspetorias do Brasil.

### 4.2. Crônica do Conselho geral

No dia 2/12/86 todos os conselheiros, de volta a Roma depois das visitas às Inspetorias e dos compromissos de animação, encontravam-se na sede do Conselho geral para dar início à sessão plenária invernal (a sexta, neste sexênio), que se concluiria a 13/2/87.

Como em toda sessão plenária, o calendário das atividades estava bastante carregado e o trabalho foi intenso: ao lado de numerosas práticas relacionadas com o governo ordinário das Inspetorias (nomeação dos Conselheiros inspetoriais, aprovação de nomeação dos diretores, abertura e ereção canônica de casas, práticas econômico-financeiras, problemas pessoais de irmãos etc.) foram estudados assuntos de importância para o bem das Inspetorias e das comunidades, sempre na linha das prioridades estabele-

cidas para o sexênio. Apresentamos aqui, de maneira sintética, os principais argumentos que foram objeto da reflexão e das decisões do Conselho.

1. *Nomeações dos Inspetores:* também nesta sessão um tempo não pequeno foi dedicado ao discernimento para a nomeação dos Inspetores: o exame cuidadoso das consultas inspetoriais, a troca de opiniões no Conselho e o discernimento pessoal levaram à nomeação dos Inspetores de sete Inspetorias: no n. 5.6. destes ACG estão algumas notícias das pessoas chamadas à esta tarefa.

2. *Relação das Visitas extraordinárias:* também este ponto levou o Conselho a reflexões aprofundadas sobre as Inspetorias visitadas nos meses de agosto a novembro e a uma avaliação de sua vida e missão, à luz das relações apresentadas pelos Conselheiros regionais. O objetivo de todo esse estudo foi sempre o de indicar as linhas julgadas mais urgentes para uma resposta sempre mais atual às exigências da nossa vocação e missão em cada realidade inspetorial.

Foram examinadas as relações das seguintes Inspetorias: Rosário (Argentina), Austrália, Manaus (Brasil), Paris (França), Bombaim (Índia), Romana (Itália), Holanda, Valência (Espanha). Foram também estudadas as relações sobre as visitas à Visitadoria da Sardenha (Itália) e à Delegação do Zâmbia, na África, dependente da Inspetoria de Varsóvia.

3. *Relação informativa das Visitas de conjunto:* no mês de novembro foram realizadas duas visitas de conjunto, respectivamente em Nova Delhi para as Inspetorias da Índia e em Bancoque para as Inspetorias do Extremo Oriente (veja a breve crônica nos ACG 320, n. 4.1.).

Através da apresentação do Conselheiro regional, o Conselho geral tomou contato com o trabalho feito e avaliou os resultados obtidos. Isto ajudou na preparação de futuras Visitas de conjunto.

4. *Aprovação dos Diretórios e das Deliberações dos Capítulos Inspetoriais.* Este foi um trabalho que ocupou muito tempo dessa sessão: muitos foram, de fato, os Capítulos Inspetoriais realizados no segundo semestre de 1986 ou nos primeiros dias de janeiro de 1987, que o Conselho estudou cuidadosamente, confrontando as deliberações tomadas por cada CI com a nossa Regra de vida e com as indicações dadas com relação às prioridades a serem privilegiadas.

Para informação, apresentamos, em ordem alfabética, as Inspetorias cujos Capítulos Inspetoriais foram examinados: Antilhas, Austrália, Áustria, Bélgica Norte, Bélgica Sul, Brasil Manaus, Brasil Porto Alegre, Chile, Colômbia, Coréia (Visitadoria), Equador, Espanha Córdoba, Espanha León, Espanha Madri, Espanha Sevilha, Espanha Valência, Estados Unidos Leste, Estados Unidos Oeste, Holanda, Índia Dimapur, Índia Gauhati, Itália Adriática, Itália Central, Itália Lígure-Toscana, Itália Lombardo-Emiliana, Itália Meridional, Itália Novarese-Helvética, Itália Romana, Itália Vêneta Leste, Itália Vêneta Oeste, Japão, Oriente Médio, México Guadalaajara, México México, Paraguai, Polônia Leste, Polônia Oeste, Portugal e Uruguai.

5. *Reconhecimento de pertença à Família Salesiana:* o Conselho geral após ter verificado os critérios estabelecidos, respectivamente nos dias 5 e 6/2, deu o seu parecer para o reconhecimento de pertença à Família Salesiana de dois Institutos: o Instituto das "Filhas do Divino Salvador" (fundado por Mons.

Pedro A. Aparício, em El Salvador) e do Instituto "Irmãs Servas do Coração Imaculado de Maria" (fundado por Mons. Gaetano Pasotti, na Tailândia) (ver nestes Atos no n. 53. as cartas do Reitor-Mor).

6. *Situação dos trabalhos sobre os subsídios em fase de preparação*: no plenário do Conselho foram avaliados os trabalhos que estão sendo desenvolvidos: o "Manual do Inspetor", o "Guia à oração salesiana", o "Proprium" salesiano para a liturgia. Depois da apresentação dos responsáveis foram entregues aos Conselheiros os esboços de textos para que apresentassem as contribuições na elaboração.

7. *Relação sobre a preparação ao centenário DB '88*: apresentadas pelo Vigário e pelos Conselheiros responsáveis as iniciativas que estão sendo executadas nos vários setores para o centenário DB '88, o Conselho dedicou um tempo adequado para definir algumas das propostas mais importantes em nível mundial.

A sessão plenária, ao lado do intenso trabalho, foi enriquecida com

momentos de oração e de vida familiar. Lembramos em particular:

— a celebração em família das festas da Imaculada e do Natal;

— a experiência dos Exercícios Espirituais, na Visitadoria da Sardenha, que se concluiu com a anual festa do Reitor-Mor;

— o encontro do Conselho com os noviços de Lanúvio e com os estudantes de Teologia na comunidade formadora do Gerini;

— o encontro fraterno com o Conselho geral das FMA na casa "S. Rosa" de Castelgandolfo: um momento muito bonito de alegria familiar!

E no final, no dia 13/2, o Conselho vivia a maravilhosa experiência do encontro com o Santo Padre. Depois da audiência com o Reitor-Mor, o Papa recebia a todos os Conselheiros, entretendo-se com eles por alguns momentos marcados pela afabilidade e encorajando a todos com sua bênção apostólica a continuarem o caminho em nome de Dom Bosco.

## 5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

---

### 5.1. "Breve Apostólico" do Santo Padre para o ano de graça 1988

*Apresentamos a tradução do "Breve apostólico" com o qual o Santo Padre proclamou o especial "ano de graça" por ocasião do centenário da morte de Dom Bosco. O Breve foi apresentado oficialmente em Turim, no dia 24 de janeiro de 1987, pelo Arcebispo Cardeal Anastásio Ballestrero e pelo nosso Reitor-Mor Pe. Egídio Viganó.*

**JOÃO PAULO II**  
*para lembrar perenemente  
o acontecimento*

Todos os membros da Igreja católica — afirma a *Lumen Gentium* — "quer pertençam à Hierarquia, quer sejam por ela apascentados, são chamados à santidade" (LG V, 39). Por isso o povo de Deus, que vive peregrino sobre a terra, "celebra com grande respeito o consórcio vital com os irmãos que estão na glória celeste" (LG VII, 51), para que esta sua íntima "união no Espírito seja consolidada através do exercício da caridade fraterna" (LG VII, 50) e, tendo esta comunhão, possa obter "através da vida dos Santos o exemplo e, através de sua intercessão, o auxílio" (LG VII, 51).

É oportuno portanto que o próprio povo se comprometa ativa e comunitariamente em conseguir os prodigiosos frutos que provêm do culto aos Santos, especialmente na celebração de particulares recorrências seculares, quando os fatos de sua vida terrena parecem revi-

ver riquezas dos dons carismáticos com os quais Deus favoreceu estes seus amigos.

Sem dúvida, portanto, no centenário da morte, ou melhor, do "dies natalis" de São João Bosco, brotará novo incremento à vida eclesial pela sugestão do Nosso Venerado Irmão, o Cardeal Anastásio Alberto Ballestrero, Arcebispo de Turim, e pelo dileto sacerdote, Egídio Viganó, Reitor-Mor da Congregação Salesiana. Por esta iniciativa especiais ritos de reconhecida piedade serão celebrados pelos fiéis no mundo todo, mas especialmente pelos fiéis da Arquidiocese de Turim e pelos membros da mesma Sociedade Salesiana, e pelo Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, bem como pelas grandes fileiras de jovens confiadas às suas atividades apostólicas.

Com a intenção de dilatar mais ainda o Reino de Deus, serão promovidas aprofundadas pesquisas nas ciências catequéticas e pedagógicas, para que melhor seja conhecida e maiores frutos possa trazer a arte da educação da juventude, querida e promovida pelo Fundador. Merecidamente o nosso Predecessor Pio XI, de feliz memória, na homilia pronunciada durante a solene Canonização pôde dizer que Dom Bosco roubara o coração dos jovens.

Querendo, portanto, enriquecer essas celebrações, que confiamos sejam de vantagem para a Igreja universal, com o testemunho da Nossa grande devoção para com São João Bosco, decidimos *enriquecê-las com o dom das Indulgências*, colhidas evidentemente do inexaurível tesouro da Igreja; nele, além

dos infinitos méritos de Cristo e da suprema virtude da Bem-aventurada Virgem Maria, Mediadora e Auxiliadora do povo cristão, confluem também os méritos dos Santos.

Portanto, com a Nossa autoridade Apostólica, nos lugares abaixo indicados, e no período de tempo que vai do *dia 31 de janeiro de 1988*, dia comemorativo do centenário da morte do Santo, ao *dia 31 de janeiro de 1989*, a todos os fiéis que devotamente visitarem uma dessas igrejas, *concedemos a indulgência plenária* lucrável nas condições costumeiras da Confissão sacramental e da Comunhão Eucarística, acrescentando uma oração de acordo com as Nossas intenções. E precisamente:

1) nos dias em que iniciam e terminam as solenes celebrações em honra de São João Bosco, àquelles que devotamente participaram do sagrado rito;

2) num dia livremente escolhido por cada um, acrescentando a reza do Pai Nosso e do Símbolo da Fé;

3) toda vez que em grupo devoto chegarem em romaria na igreja e rezarem igualmente com religiosa piedade o Pai Nosso e o Símbolo da Fé.

Estas nominalmente são as igrejas em que poder-se-á lucrar a Indulgência:

#### *Na Arquidiocese de Turim*

1) a igreja catedral em Turim: João Bosco, de fato, estava incardinado na Diocese de Turim, e especialmente em Turim exerceu o seu ministério apostólico;

2) a basílica de Maria Auxiliadora em Turim: foi construída por

vontade de João Bosco: aí estão conservados seus restos mortais e ela é em certo sentido o centro espiritual de toda a Congregação Salesiana;

3) a igreja de São Francisco de Assis em Turim: nesta Dom Bosco iniciou a sua missão de educar os jovens à vida cristã;

4) o templo de São João Bosco que se encontra em Castelnuovo Dom Bosco, sobre a colina que traz seu nome;

5) a igreja de Nossa Senhora da Escada em Chieri, onde João Bosco compreendeu estar sendo chamado por Deus ao sacerdócio, e decidiu seguir o divino chamado;

#### *Na cidade de Roma*

6) na basílica do Sagrado Coração de Jesus em Roma, no Castro Pretório: foi construída com grandes sacrifícios por João Bosco obedecendo à vontade do Sumo Pontífice Leão XIII; junto desta os salesianos obtiveram a sua primeira morada junto da Sé de Pedro, no centro da Igreja Católica;

#### *Na América Central — Panamá*

7) na igreja de São João Bosco na cidade do Panamá, onde nota-se uma afluência extraordinária do povo particularmente devoto a São João Bosco.

Dado em Roma, junto de São Pedro, com o anel-sinete do Pescador, na solenidade da Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria, no dia 8 de dezembro de 1986, no nono ano do nosso Pontificado.

*João Paulo II*

## 5.2. Decreto da Congregação para as Causas dos Santos sobre a heroicidade das virtudes do Pe. Filipe Rinaldi

*Transcrevemos a tradução do Decreto através do qual Sua Santidade de João Paulo II oficialmente reconhece e proclama o Servo de Deus Pe. Filipe Rinaldi, 3.º Sucessor de Dom Bosco, ter praticado em grau heróico as virtudes cristãs e desta maneira é inscrito entre os "Veneráveis".*

"Dedit (illi) Deus sapientiam et prudentiam multam nimis et latitudinem cordis quasi arena quae est in litore maris" (*1Re* 5,9). Estas palavras muito oportunamente se aplicam ao Venerável Filipe Rinaldi, a quem foi dado por Deus com abundância o gosto e a experiência viva das realidades sobrenaturais, uma grande prudência no longo exercício da autoridade, e uma bondade inexaurível para com todos, participação e sinal da paternidade de Deus (*Ef* 3,15).

Filipe Rinaldi nasceu em Lu Monferrato (diocese de Casale) no dia 28 de maio de 1856, de uma família de agricultores com forte tradição cristã e numa localidade que se distinguiu no século passado por uma rica floração de vocações eclesíásticas e religiosas.

No ano de 1866 esteve no Pequeno Seminário de Mirabello, onde teve a sorte de se confessar com Dom Bosco e o Santo, por experiência educativa ou por intuição sobrenatural, compreendeu que estavam escondidas nele sólidas atitudes para a vida religiosa e sacerdotal. Filipe, porém, depois de um ano de colégio voltou para casa e foi trabalhar a terra, levando de acordo com sua condição uma intensa vida religiosa.

Dom Bosco no entanto continuou a ajudá-lo com seus conselhos, renovando com insistência o convite a que se fizesse sacerdote, tanto que em 1877, com mais de vinte anos, Filipe superou toda incerteza de consciência e decidiu ser salesiano. No colégio de Sampierdarena (Gênova) em três anos terminou brilhantemente os estudos ginasiais; em 1879 fez o Noviciado em São Benigno Canavese e o terminou com a profissão perpétua nas mãos do próprio Dom Bosco, a 13 de agosto de 1880. Sob os cuidados paternais do Santo, que seguiu pessoalmente as etapas aceleradas de seus estudos de filosofia e teologia, preparou-se para a ordenação sacerdotal que recebeu em 1882.

Apenas um ano depois, o Santo Fundador o nomeou diretor — primeiro em Mathi e depois no "São João Evangelista" de Turim — das vocações chamadas adultas. Foram anos de intensa vida espiritual e de acertadas experiências educativas entre os jovens, enquanto encontrou-se em Turim teve o privilégio de conversar muitas vezes e confidencialmente com Dom Bosco, confessando-se com ele e assimilando profundamente o seu espírito.

Em 1889 o Bem-aventurado Miguel Rua enviou-o como diretor da Casa de Sarriá, na Espanha, numa hora muito delicada. A prudência do Pe. Rinaldi superou toda dificuldade; ele ganhou a estima universal e pôde multiplicar o número das fundações salesianas, tanto que em 1892 foi nomeado Inspetor das prometedoras Casas da península ibérica. Durante dez anos trabalhou com tanto sucesso que as obras e os irmãos se multiplicaram e ele pode ser considerado o verdadeiro fundador da Congregação Salesiana na Espanha.

Em 1902 novamente o Pe. Miguel Rua o chamou a Turim como Várrio Geral, com a responsabilidade da disciplina religiosa e da administração geral da Congregação. Foram vinte anos de um intenso e difícil trabalho, que o obrigava todos os dias a longas horas de escritório no despacho dos assuntos da Congregação. Ele, porém, não se fechou nas ocupações de caráter material e burocrático, e utilizou todos os meios para exercer o ministério sacerdotal. Diariamente confessava na Basílica de Maria Auxiliadora e tornou-se procurado diretor espiritual sobretudo para as vocações; gostava de pregar, de maneira simples, mas muito eficaz; foi diretor do Oratório feminino de Maria Auxiliadora em Valdocco e o transformou através de sua atividade pessoal, com inúmeras iniciativas de caráter religioso, social, cultural e recreativo, num dos mais vivos centros religiosos do Piemonte.

Algumas iniciativas promovidas neste período possuem um caráter de verdadeira originalidade: para o apostolado da imprensa criou e incrementou a Sociedade Editora Internacional (SEI), uma das maiores editoras católicas da Itália; organizou em escala mundial os Ex-alunos dos Salesianos e as Ex-alunas das Filhas de Maria Auxiliadora, precedendo nisto todos os outros Institutos Religiosos; promoveu a Associação dos Cooperadores, dando-lhes a fisionomia de uma verdadeira Ordem Terceira Salesiana; criou uma Associação feminina laical (agora chamada "Voluntárias de Dom Bosco", com mais de 1.000 membros) que antecipou a criação dos Institutos Seculares; promoveu uma associação de mestres e professores católicos; com as conferências pedagógicas, que por vários anos fez no Estudantado Teológico Salesiano, foi verdadeiro

mestre de Salesianidade, sistematizando também cientificamente o ensinamento de Dom Bosco; nas aulas no Instituto Magistral de Nizza tratou com sensibilidade moderna os problemas da mulher; foi animador de tantas atividades pioneiras, estimulou a responsabilidade dos leigos e respeitou-lhes as competências.

Em 1922 foi eleito Reitor-Mor e neste último período no lugar mais alto da Congregação, revelou mais claramente aos olhos de todos a riqueza da sua vida espiritual e apostólica. Seu principal objetivo foi a formação dos irmãos que convidou sobretudo ao trabalho santificado e à vida interior, a exemplo de Dom Bosco: com esta finalidade foram as "Circulares", os encontros e a correspondência com os irmãos; as visitas às Comunidades; a exortação para estudar Dom Bosco e praticar a Regra. O número dos irmãos durante o seu Reitorado passou de 4.798 para 8.836.

Outro aspecto de interesse preferencial foram as missões, com relação a elas criou casas especiais de formação. Para elas mandou com um gesto de audácia apostólica jovens irmãos para que se inserissem no ambiente e assimilassem profundamente a língua e a cultura. O esforço missionário realizado por ele foi o início de uma floração de vocações e de obras que projetou a Congregação eclesialmente e mundialmente.

A Beatificação de Dom Bosco, em 1929, foi o momento mais alto do seu governo e ele tirou proveito e estímulo disso para lembrar aos irmãos a genuinidade do carisma do Fundador.

Nos últimos anos, por causa da saúde, teve que reduzir o ritmo intensíssimo, apesar de sempre calmo, de sua vida, então o prestígio

moral de que gozava foi mais do que eficaz entre os irmãos e fora da Congregação. Morreu no dia 5 de dezembro de 1931 com fama de santidade, que o tempo consolidou e aumentou até hoje; enquanto se espera a sua glorificação por parte da Igreja.

O Venerável Filipe Rinaldi foi um homem que se distinguiu na vida por íntima e contínua união com Deus, por serenidade de ânimo e equilíbrio superior em todo e qualquer acontecimento terreno, por um espírito de humilde paternidade que conquistava os corações e fez dele "a imagem viva" de Dom Bosco; mas foi também homem de ação, animador incansável de atividades juvenis e apostólicas, aberto a todas as exigências dos tempos e original precursor de novas formas de apostolado cristão. Nesta harmonia de constante vida interior e de ardente apostolado está a característica da santidade do Pe. Filipe Rinaldi.

A fama de santidade do Servo de Deus absolutamente não diminuiu depois de sua morte, mas foi crescendo cada vez mais com o tempo e parece que Deus a confirma com sinais celestiais. Por isso começou-se a trabalhar na sua Causa de Beatificação e, depois dos Processos abertos pela autoridade episcopal junto à Cúria de Turim (anos de 1947 a 1952) e por rogatória junto à Cúria de Barcelona (anos de 1949 e 1950), a Causa foi introduzida na Sé Apostólica com o decreto de 11 de junho de 1977.

Realizados, portanto, os Processos Apostólicos na mesma Cúria Arquiepiscopal de Turim, foram discutidas as virtudes teológicas e cardinais do Servo de Deus: antes,

no dia 14 de outubro de 1986, no Congresso Particular dos Consultores teológicos, sob a presidência do Rev.<sup>m</sup> Mons. Antônio Petti, Promotor Geral da Fé; e depois, no dia 23 de dezembro de 1986, na Congregação Ordinária dos Padres Cardeais e Bispos, sendo relator o Ex.<sup>m</sup> Cardeal Alfonso Stickler. Em ambas as reuniões respondeu-se afirmativamente, com unanimidade de sufrágios, sobre a dúvida se constava da heroicidade das virtudes.

Feita depois por mim, Cardeal Prefeito, uma minuciosa relação de todos os atos anteriores ao Sumo Pontífice João Paulo II, Sua Santidade, aceitando boamente os votos da Congregação para as Causas dos Santos, autorizou que se preparasse o decreto sobre as virtudes heróicas do Servo de Deus.

Realizado tudo na devida forma, reunidos em sua presença o subscrito Cardeal Prefeito e o Cardeal Relator, eu, Bispo Secretário da mesma Congregação, e outros que de acordo com a tradição são convocados, o Beatíssimo Padre declarou solenemente: Consta das virtudes teológicas da Fé, Esperança e Caridade para com Deus e para com o próximo, das virtudes cardinais da Prudência, Justiça, Temperança e Fortaleza e das virtudes anexas praticadas em grau heróico pelo Servo de Deus Filipe Rinaldi "in casu et ad effectum de quo agitur". Ordenou depois que o presente decreto fosse promulgado de acordo com as normas comuns e fosse inscrito entre os atos da Congregação para a Causa dos Santos.

Dado em Roma, a 3 de janeiro de 1987.

† *Pedro Card. Palazzini*, Prefeito

† *Trajano Crisan*, Secretário

**5.3. Pertença à Família Salesiana de dois Institutos:  
"Filhas do Divino Salvador"  
e "Irmãs Servas do Coração  
Imaculado de Maria"**

*Transcrevemos as cartas do Reitor-Mor endereçadas respectivamente às Superiores gerais e a todos os grupos da Família Salesiana, em que se comunica o reconhecimento de pertença à Família Salesiana dos dois novos Institutos.*

*Reverenda Madre  
Rosa Candelária CACERES  
Filhas do "Divino Salvador"  
SANTO DOMINGO — Dep. de S.  
Vicente  
El Salvador*

*Benemérita e prezada Superiora  
geral*

Com grande prazer comunico à senhora e a todas as Irmãs que foi aceite o pedido de reconhecimento oficial de pertença do vosso Instituto "Filhas do Divino Salvador" à Família Salesiana.

É para mim a sexta vez que posso dar um tão grato anúncio.

Em 1981 as Filhas dos Sagrados Corações de Bogotá, em 1983 as Salesianas Oblatas do Sagrado Coração, em 1984 as Apóstolas da Sagrada Família de Messina, no ano passado as Irmãs da Caridade de Miyazaki (Japão), e as Missionárias de Maria Auxiliadora de Shillong (Índia), e, hoje, vós. Assim também o vosso Instituto coopera para manifestar a amplitude e a pluriformidade da irradiação do espírito de Dom Bosco na Igreja.

O Reitor-Mor, com o seu Conselho, depois de ter examinado a

história da vossa fundação e os textos oficiais do Instituto, acolheu e aprovou na reunião do dia 5 de fevereiro de 1987, o pedido dirigido pela senhora e pelo seu Conselho geral na data de 8 de setembro de 1985.

Sabemos que o Instituto nasceu por iniciativa do zeloso bispo salesiano Mons. Pedro Arnaldo APARICIO, por um especial seguimento de Cristo e com vistas a suprir uma necessidade urgente do País: a formação de professoras católicas e válidas catequistas. É esta uma finalidade com eminente carácter salesiano! A fundação foi acolhida com benevolência por todo o episcopado salvadoreño.

Foi ajudada com mérito durante os primeiros anos pelas Filhas de Maria Auxiliadora, que vos guiaram na assimilação dos valores do carisma salesiano: a espiritualidade apostólica do "da mihi animas", o método de aproximação e de educação inspirado no Sistema Preventivo, o amor cotidiano ao trabalho e à temperança inspirado na caridade pastoral, a piedade eucarística e mariana, a constante ao espírito de Dom Bosco.

Assim o vosso Instituto foi se solidificando e se desenvolvendo espalhando-se também em outros países vizinhos.

Na peculiar identidade do vosso Instituto aparecem alguns traços que merecem ser sublinhados:

— a atitude de infância espiritual, feita de simplicidade e de alegria serena, unida ao vosso nascimento no dia do Natal, e com uma especial devoção a Jesus Menino e à Sagrada Família;

— o testemunho de pobreza, inserido nas origens das jovens do grupo de fundação e na finalidade

do serviço às crianças e às moças do povo, em particular das mais necessitadas;

— o projeto de serviço às Igrejas locais e às paróquias, com atividades de tipo educativo-pastoral, privilegiando a urgente formação de boas catequistas.

A Família Salesiana sente-se enriquecida com estes valores vossos, e os meus irmãos sentir-se-ão co-responsáveis pela animação espiritual e pedagógica do Instituto.

De vossa parte sereis envolvidas nas iniciativas de toda a Família de Dom Bosco e disto acenais também nas vossas Constituições renovadas.

Rezemos para que Deus, pela intercessão de Maria Auxiliadora e de São João Bosco, contribua para que possais crescer em santidade, em número, em fervor e nas boas obras.

Este reconhecimento oficial possa valer de estímulo e de encorajamento no esforço religioso e pastoral da vossa querida Pátria, El Salvador, e de outros países da América Central, particularmente provados nestes últimos anos.

Deus ilumine a fé, fortaleça a esperança e inflame a caridade de todos os fiéis na operosa construção da civilização do amor.

Saudações cordiais a todas e congratulações.

Aumentemos a nossa mútua comunhão na oração.

Com alegria e profunda estima no Senhor.

Roma, 24 de fevereiro de 1987.

*Pe. Egidio Viganó*

*Reverenda Madre Ir. Agatha  
LADDA SATVINIT  
Thidamepra School — 317  
Talamai Rd.  
SURATTHANI — Tailândia*

*Reverenda Madre Superiora*

No alegre acontecimento das bodas de ouro do vosso Instituto, fundado pelo zeloso bispo missionário Mons. Gaetano PASOTTI, em 1937, tenho a alegria de comunicar à senhora e às suas Irmãs que foi aceito o pedido de pertença do Instituto à Família Salesiana de Dom Bosco.

É o sétimo reconhecimento oficial no espaço de seis anos: as Filhas dos Sagrados Corações de Bogotá (Colômbia); as Salesianas Oblatas do Sagrado Coração de Bova Marina (Itália); as Apóstolas da Sagrada Família, de Messina (Itália); as Irmãs da Caridade de Miyazaki (Japão); as Irmãs Missionárias de Maria Auxiliadora de Shillong (Índia); as Filhas do Divino Salvador de El Salvador (América Central). E agora vós, da Tailândia. É este um sinal evidente da fecundidade do carisma de Dom Bosco como dom à Igreja, presente em todos os continentes.

Na reunião do dia 6 de fevereiro p.p., o Reitor-Mor, com o seu Conselho examinou a história e os textos constitucionais do vosso Instituto, e — constatando a fidelidade ao espírito e ao método educativo pastoral salesiano — acolheu e aprovou o pedido feito pela senhora e pelas suas Irmãs no dia 6 de agosto de 1985.

É conhecido que o vosso primeiro nome foi “Irmãs Auxiliadoras” e que as Filhas de Maria Auxiliadora vos ajudaram na formação, no governo e na difusão do Instituto, especialmente nos inícios, através de uma delas que por quin-

ze anos foi mestra das noviças e uma outra que por vinte e cinco anos dirigiu o Instituto como Superiora geral.

No vosso sucessivo nome de "Servas" quisestes tomar ainda Maria como modelo de humildade e de obediência, atentas à voz do Espírito, para realizar como Ela, nas palavras e nas obras, o que for conforme a divina vontade.

Depois do mariano, um segundo traço peculiar do vosso carisma é o sentido vivo da Igreja local.

O primeiro apostolado, de fato, promovido pelo Fundador, e estimulado pelos bispos nas dioceses onde se espalhou o Instituto, é a ajuda nos centros missionários, através da catequese bem cuidada, num País necessitado da primeira evangelização, educação feminina, animação dos grupos paroquiais.

Um terceiro elemento é a contribuição ao desenvolvimento da cultura do povo, com o ensino em escolas de diferentes graus, feita com o método da bondade, e utilizando a razão e a religião, valores fundamentais da pedagogia de Dom Bosco.

Se a originalidade do vosso carisma for transmitida às novas gerações toda a Família Salesiana será beneficiada, porque — sustentada pela assistência espiritual dos salesianos — sereis, juntamente conosco e aos outros Grupos, "sinais e portadores do amor de Deus aos jovens", com o espírito do vosso Fundador e de Dom Bosco.

Maria, Imaculada e Auxiliadora, vos ajude no crescimento em qualidade, número, generosidade e serviço: a humilde Serva alcance para cada uma de vós "grandes coisas" como nEla fez o Onipotente.

Acompanhe a todas a nossa oração e fraterna solidariedade.

Com estima e gratidão com uma especial bênção.

Roma, 28 de fevereiro de 1987.

*Pe. Egidio Viganó*

Aos RESPONSÁVEIS MAIORES  
dos GRUPOS  
da FAMÍLIA SALESIANA

A Família salesiana cresce. Novos Grupos recebem o reconhecimento oficial de pertença e aumenta a alegria comum em constatar que o carisma do Fundador vai estendendo-se entre os povos.

No ano passado as Irmãs da Caridade de Miyazaki (Japão) — fundadas pelo Pe. Antônio CAVOLI e pelo Servo de Deus Mons. Vicente CIMATTI — foram o quinto grupo reconhecido. Um vivo ardor missionário levou-as até a América Latina, Papuásia e à Europa.

Este ano, nos dias 5 e 6 de fevereiro, o Reitor-Mor, com o seu Conselho, examinou a história e os documentos constitucionais de dois outros Institutos e pôde constatar que o seu projeto de vida e de ação está em profunda sintonia de origem com o carisma de Dom Bosco na Igreja;

São eles:

1 — As *Filhas do Divino Salvador*, fundadas por Mons. Pedro Arnaldo APARÍCIO, bispo salesiano emérito de S. Vicente (El Salvador), com a finalidade de formar professoras e catequistas católicas, que são benevolentemente acolhidas em várias dioceses. O seu método educativo pastoral está inspirado em Dom Bosco, cuja espiritualidade está presente nas Constituições renovadas.

Entre as características do seu carisma devem ser sublinhadas a

simplicidade e a alegria serena — chamam-na infância espiritual que brotou do dia do Natal — o serviço às igrejas locais e às paróquias, a pobreza das jovens nas origens da fundação, a docilidade na assimilação dos valores salesianos, transmitidos pelas Filhas de Maria Auxiliadora, que as acompanharam nos primeiros passos.

2 — *As Irmãs Servas do Coração Imaculado de Maria* de Bag-Nok-Khuek, fundadas pelo devotado bispo salesiano missionário Mons. Gaetano PASOTTI, em 1937. O reconhecimento de pertença à Família Salesiana pedido numa carta do dia 6 de agosto de 1985, pode-se considerar como um magnífico presente para o jubileu de ouro da fundação do Instituto.

O seu primeiro nome foi “Irmãs Auxiliadoras”, depois mudado em “Servas”, mas tendo sempre como Modelo Maria, Imaculada e Auxiliadora, em quem o Senhor fez “grandes coisas”. São muito gratas ao Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora que, em suas origens, lhes deram uma Irmã como mestra das noviças (por quinze anos) e também uma outra (por mais de vinte e cinco anos) como Superiora geral.

Os traços peculiares do seu carisma podem ser resumidos nas seguintes notas:

- a dimensão mariana;
- o sentido vivo da Igreja particular, através de um generoso auxílio aos Centros missionários;
- a contribuição ao desenvolvimento da cultura na Tailândia, com o ensino nas escolas de diferentes graus e a primeira evangelização.

Convido todos os Grupos da Família para acompanhar com a oração e a fraterna colaboração, onde é possível, estas Irmãs que nos

enriquecem com a especificidade dos seus respectivos valores de fundação.

O Centenário de Dom Bosco, bem próximo, é o momento forte que nos estimula a caminharmos “juntos” no caminho da santidade por Ele traçado, à qual todos somos chamados e à qual todos devemos generosamente buscar.

Cada membro e cada grupo da Família Salesiana implorem os dons do Espírito e o auxílio de Maria sobre aqueles novos ramos do “bosque” salesiano que realizam conosco a maravilhosa esperança cantada no Salmo: “Será como a árvore plantada à beira d’água, que dará fruto no devido tempo, e suas folhas nunca murcharão — terá sucesso em todas as suas obras”.

Juntos rumo a '88!

Cordialmente em Dom Bosco.

Roma, 28 de fevereiro de 1987.

*Pe. Egídio Viganó*

#### 5.4. Consulta mundial da Associação Cooperadores salesianos. Nomeação do Coordenador geral

*Publicamos a comunicação com a qual o Reitor-Mor anunciava aos Responsáveis dos diferentes Grupos da Família Salesiana os membros da nova Consulta mundial da Associação Cooperadores Salesianos.*

Roma, Natal 1986.

A Rev.da Madre Geral F.M.A.

A Rev.da Madre Vicária F.M.A.

Aos Rev.dos Membros do Conselho geral SDB

Aos Conselheiros inspetoriais Cooperadores

Aos Rev.dos Inspetores SDB e  
Rev.das Inspetoras F.M.A.

Aos Responsáveis maiores dos  
grupos da F.S.

Feliz ano novo!

O ano de graça de 1986 nos trouxe o prometente dom da aprovação por parte da Sé Apostólica e da promulgação do Reitor-Mor do REGULAMENTO DE VIDA APOSTÓLICA dos Cooperadores Salesianos.

Esta carta tem por finalidade comunicar-vos a composição da CONSULTA MUNDIAL, em parte eleita durante o Congresso realizado em 1985 e em parte por mim nomeada de acordo com o artigo 48,1 do Regulamento de Vida apostólica.

#### REGIÃO AMÉRICA ATLÂNTICO

Prof. Sérgio Monello (Brasil)  
Sr.<sup>ta</sup> M. Teresa Martelli  
(Argentina)

#### REGIÃO AMÉRICA PACÍFICO

Prof. Pedro Monsalve (Venezuela)

#### REGIÃO DE LÍNGUA INGLESA

Sr Kenneth Greaney  
(Grã-Bretanha)

#### REGIÃO ASIÁTICA

Sr Joseph Lazaro (Índia)

#### REGIÃO EUROPA-AFRICA

Srta. Ilinka Irsic (Iugoslávia)  
Sr Katalaire Kabeya (Zaire)  
Sr Jordi Tarradell Segú  
(Espanha)

#### REGIÃO ITÁLIA-ORIENTE MÉDIO

Dr Paulo Santori (Itália)  
Prof. Pierangelo Fabrini (Itália)

Delegado geral

Pe. Mário Cogliando, SDB

Delegada geral

Ir. Michelina Secco, FMA

A primeira reunião da Consulta foi convocada em Roma, Via della

Pisana, 1.111, de 16 a 20 de janeiro de 1987, com uma específica ordem do dia.

Enquanto me congratulo com os neo-eleitos convido a todos para uma recíproca colaboração que torne o serviço da Consulta verdadeiramente adequado e fecundo.

Asseguro as minhas orações e envio a minha fraterna saudação.

Cordialmente em Dom Bosco.

*Pe. Egidio Viganó*

*Depois da primeira reunião da Consulta mundial, realizada em Roma, de 16 a 20 de janeiro de 1987, o Reitor-Mor nomeou o COORDENADOR GERAL da Associação Cooperadores. Publicamos o relativo Decreto.*

#### DECRETO

O Pe. Egidio Viganó, Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de São Francisco de Sales e Superior da Associação Cooperadores Salesianos, obedecendo ao art. 48,1 do Regulamento de Vida Apostólica, NOMEIA, entre os membros da Consulta Mundial, o Sr. Paulo SANTONI, COORDENADOR GERAL DA ASSOCIAÇÃO COOPERADORES SALESIANOS, por sete anos, conforme manda o art. 48,4 do mesmo Regulamento, a iniciar do dia 19 de março de 1987.

Desejamos-lhe o maior sucesso durante todo o período deste mandato.

Os acontecimentos de 88 sejam um estímulo de crescimento para a Associação.

Dado em Roma, no dia 14 de março de 1987.

*Pe. Egidio Viganó*

### 5.5. XIII Semana de espiritualidade da Família Salesiana

De 22 a 28 de janeiro de 1987 realizou-se no *Salesianum* de Roma, a XIII Semana de Espiritualidade da Família Salesiana.

A grande participação superou as 150 presenças com adesões da Europa, América Latina, Ásia e África.

Dois os temas de reflexão estudados com palestras e trabalhos: o tema geral do encontro "Com os jovens reconhecemos a profecia do Concílio" e a Lembrança do Reitor-Mor, "Juntos rumo a 1988, como vasto movimento de 'missionários dos jovens'".

Ao redor destes temas foram apresentadas relações, segundo diferentes aspectos entre si complementares:

— Pedagogia eclesial de Dom Bosco (Pe. Pedro Braido);

— Concílio e jovens: um diálogo difícil e promissor (Mons. Alberto Ablondi);

— A cultura contemporânea questiona o Concílio (Pe. Riccardo Tonelli);

— As questões problemáticas da condição juvenil diante da Palavra de Deus (Pe. Cesare Bissoli);

— As questões problemáticas da condição juvenil diante da Liturgia da Igreja (Ir. Antonia Meneghetti);

— As questões problemáticas da condição juvenil diante do sacramento da Igreja (Pe. Jacques Shepens);

— As questões problemáticas da condição juvenil diante da missão no mundo (Pe. Pierangelo Fabrini);

— Os Salesianos com os jovens na órbita do Vaticano II (Pe. Egídio Viganó).

Partindo destas reflexões, os trabalhos de grupo aprofundaram os argumentos propostos, enriquecendo-os com testemunhos e confrontando-os com as experiências pessoais.

A Semana preparada com esmero pelo Dicastério para a Família Salesiana e presidida pelo próprio Conselheiro para a Família Salesiana, vivida num clima de fraternidade, concluiu-se com uma "mesa redonda", da qual participaram os responsáveis dos vários grupos da Família, e a palavra do Reitor-Mor, que indicou algumas orientações para o futuro, comentando a Lembrança 1987.

### 5.6. Novos Inspetores

Na sessão plenária do Conselho geral, realizada do dia 2 de dezembro de 1986 a 13 de fevereiro de 1987, foram nomeados sete Inspetores. Apresentamos algumas breves notícias sobre eles.

#### 1. Pe. Carlos LONGO, inspetor da Bolívia

Nasceu em Trebaséghe, na diocese de Pádua, no dia 29 de novembro de 1938. Entrou no aspirantado missionário de Ivrea; fez o Noviciado em Villa Moglia de Chieri, coroando-o com a profissão religiosa no mês de agosto de 1956. Depois de ter conseguido a habilitação ao magistério e após a experiência do tirocínio, realizou os estudos teológicos no Estudantado de Bollengo (Turim). Ordenado sacerdote em Turim no dia 18 de março de 1967, pediu e foi aceito como missionário e mandado para a Bolívia. Em 1974 era chamado para dirigir o centro vocacional "São Domingos Sávio" de La Paz; em seguida assumia a direção da comunidade de Cochabamba-Fátima e depois de Sucre. Antes da nomeação para

Inspetor era diretor do centro agrícola social de Muyurina e membro do Conselho inspetorial.

2. *Pe. Luís CHINCHILLA, inspetor da América Central*

O Pe. Luís Chinchilla sucede na direção da Inspetoria de San Salvador a Dom José Di Pietro, recentemente eleito bispo da nova Diocese de Sansonate (El Salvador). Nascido em São José da Costa Rica no dia 5 de dezembro de 1937, o Pe. Chinchilla fez o noviciado em Ayagualo (El Salvador), onde professou pela primeira vez no dia 24 de dezembro de 1956. Feita a experiência prática e concluído o currículo dos estudos, em 1966 era ordenado sacerdote pelo bispo salesiano Mons. Arturo Riveras. Depois de poucos anos de ministério, em 1970 começavam os seus trabalhos de governo e animação, quando foi chamado a ser Mestre dos Noviços na Guatemala; em 1974 assumiu também a direção do Estudantado filosófico. No ano seguinte era nomeado inspetor da América Central.

Ao findar o mandato de Inspetor foi chamado a Roma para dirigir a comunidade "Pe. Rua" na Universidade Pontifícia Salesiana e ao mesmo tempo foi eleito membro do Conselho da Delegação da UPS. Fazia três anos que se encontrava no Panamá como diretor e pároco do Templo "Dom Bosco" da cidade panamenha.

3. *Pe. Carlos Júlio APONTE, inspetor de Bogotá-Colômbia*

Originário da província de Boyacá (Colômbia), onde nasceu no dia 6 de agosto de 1930, aos 14 anos entrou como aluno no colégio salesiano de Mosquera. Fez o Noviciado em Usaquén, onde no dia 14 de janeiro de 1950 fez a sua pri-

meira profissão religiosa. Após a primeira experiência salesiana e terminados os estudos teológicos em Bogotá, foi ordenado sacerdote a 28 de outubro de 1959. Em seguida, após ter alcançado a licença em Pedagogia, fez também cursos de administração. A sua capacidade e experiência neste setor o apontaram para a tarefa de Ecônomo inspetorial: por 13 anos desempenhou com competência esta tarefa até sua nomeação a Inspetor.

4. *Pe. Francisco PANFILO, inspetor das Filipinas*

Nasceu em Vilminore di Scalve, na Diocese de Bérgamo (Itália), no dia 23 de novembro de 1942. Francisco Pânfilo entrou em 1958 no aspirantado de Chiari e, feito o Noviciado em Missaglia (Como), professou pela primeira vez no dia 16 de agosto de 1964.

Como clérigo partiu para as Filipinas e lá fez a sua primeira experiência de apostolado salesiano. De volta à Itália para os estudos de Teologia, que fez em Turim-Crocetta, no dia 27 de abril de 1974 era ordenado sacerdote em sua terra natal.

Depois de sua volta às Filipinas, era chamado a encargos de responsabilidade: de fato, foi nomeado diretor da Casa de Mandaluyong; em 1980 começou a fazer parte do Conselho inspetorial, e desde 1985 era Mestre dos Noviços no Noviciado de Canlubang. Em 1984 participou como delegado no CG 22.

5. *Pe. Gérard BALBO, inspetor de Paris-França*

Nascido em Paris no dia 24 de abril de 1931, Gérard Balbo fez seus estudos na Casa salesiana de Giel. Em 1948 foi aceito ao Noviciado de La Guerche: no dia 13 de setem-

bro de 1949 fez sua primeira profissão salesiana.

Após os estudos filosóficos e a experiência do tirocinio — que como todos os seus colegas da época teve que interromper para prestar o serviço militar — frequentou o curso de Teologia no Estudantado de Lyon-Fontainières e foi ordenado sacerdote no dia 25 de março de 1961.

Diplomado em Letras clássicas na Universidade de Caen, ensinou nas Casas de Coat-andoch e Landser. Depois de ter alcançado também o diploma de Ciências da Educação, foi encarregado da formação dos jovens irmãos estudantes em Paris, de 1973 a 1976. Por quatro anos fez parte do Secretariado geral para o ensino católico da França.

Chamado a dirigir a Casa salesiana de Vésinet, a partir de 1979 tornou-se Conselheiro Inspetorial e no ano seguinte foi nomeado Vicário do Inspetor. Desde 1983 dirigia a Comissão para a formação dos Religiosos sob os cuidados da Conferência dos Superiores Maiores da França.

#### 6. *Pe. Joseph HARRINGTON, inspetor de Dublin*

Depois de seis anos na direção e animação da Inspeção de Dublin, o Pe. Joseph Harrington, no dia 27 de dezembro de 1986 foi reconfirmado no mesmo encargo.

Pe. Harrington está com 54 anos, nasceu a 8 de janeiro de 1933 em Castletown Bere (Irlanda); salesiano desde 1954, foi ordenado sacerdote no dia 29 de junho de 1968.

Diplomado em Ciências agrícolas, assumiu diferentes encargos de responsabilidade antes da nomeação para Inspetor: diretor do Centro agrícola de Pallaskenry de 1973 a 1979, e ao mesmo tempo foi Conse-

heiro inspetorial; no ano de 1979 foi nomeado Ecônomo inspetorial até que no mês de dezembro de 1980 assumiu a direção da Inspeção.

#### 7. *Pe. Federico HERNANDO CONDE, inspetor de Bilbao (Espanha)*

No dia 16 de dezembro de 1986, o Pe. Federico Hernando Conde foi chamado a suceder, na direção da Inspeção de Bilbao, ao Pe. Hilário Santos de Dios, falecido no mês de julho p.p., depois de apenas um ano de serviço como Inspetor.

O Pe. Hernando nasceu na província espanhola de Burgos, no dia 18 de julho de 1929. Após ter frequentado o colégio salesiano de Astudillo, fez o noviciado em Mohernando, onde no dia 16 de agosto de 1948 professou pela primeira vez na Sociedade salesiana.

Ainda jovem clérigo, pediu e obteve para ser missionário no Brasil. Esteve, de fato, por vários anos da Inspeção de Manaus, no Brasil, frequentou os estudos de Teologia e foi ordenado sacerdote no dia 8 de dezembro de 1957.

Depois de certo tempo voltou à Espanha e foi nomeado diretor da Casa de Nueva Montana, em seguida de Pamplona e sucessivamente de Baracaldo. Desde 1983 era também Vicário do Inspetor.

### 5.7. Nomeações pontifícias

#### 1. *Mons. Vitório PAVANELLO, arcebispo de Campo Grande*

No dia 13 de dezembro de 1986, o *L'Osservatore Romano* publicava a notícia que, tendo Mons. Antônio Barbosa, até então Arcebispo de Campo Grande, renunciado a sua sede por ter alcançado os limites de idade, fora nomeado para lhe

sucedido o bispo salesiano Mons. Vitório Pavanello, já coadjutor da mesma Sé metropolitana.

Mons. Pavanello, nascido na localidade de Presidente Getúlio, no Estado de Santa Catarina (Brasil), em 1936, é salesiano desde 1957 e foi ordenado sacerdote na cidade de São Paulo no ano de 1966. Depois de ter sido diretor do Liceu Coração de Jesus em São Paulo, depois do Noviciado de Pindamonhangaba, em 1978 foi feito diretor e em seguida Mestre dos noviços do novo Noviciado de São Carlos.

Em 1981 foi eleito bispo de Corumbá. Consagrado bispo em São Carlos na festa de Dom Bosco de 1982, depois de dois anos de trabalho na Diocese de Corumbá, em 1984 era promovido a Coadjutor da Sé arquiépiscopal de Campo Grande.

2. *Mons. Tito SOLARI, bispo auxiliar de Santa Cruz de la Sierra*

No dia 16 de dezembro de 1986 o jornal da Santa Sé publicava que o salesiano Pe. Tito Solari, Inspetor da Inspetoria da Bolívia, fora eleito bispo titular de Aguas Novas da Numídia e auxiliar da Sé arquiépiscopal de Santa Cruz de la Sierra (Bolívia).

Mons. Solari nasceu em Pesariis, perto de Prato Cárnico, na Diocese de Údine, no dia 2 de setembro de 1939. Aos 11 anos entrou no colégio salesiano de Tolmezzo e em 1955 foi para o Noviciado de Albaré (Verona) onde no dia 16 de agosto de 1956 fez a sua primeira profissão salesiana.

Freqüentou os estudos teológicos antes em Turim-Crocetta e depois na nova sede romana do Ateneu Salesiano, onde se diplomou em Teologia. Foi ordenado sacerdote na igreja paroquial de sua terra

natal no dia 23 de dezembro de 1966.

Professor e animador no Colégio salesiano de Castello di Gódego, freqüentou também o curso de sociologia na Universidade estatal de Trento. No ano de 1974 pediu e obteve ir para a Bolívia como missionário, na recém-fundada obra aberta em conjunto pelas Inspetorias de Mogliano Vêneto e da Bolívia, na cidade de San Carlos de Yapacani. Feito Diretor da obra, em 1981 foi eleito Inspetor da Inspetoria boliviana.

3. *Mons. José Ramón GURRUCHAGA, bispo de Huaraz*

No dia 8 de janeiro de 1987 o Santo Padre nomeava o irmão salesiano Pe. José Ramón Gurruchaga Ezama, Bispo da Sé de Huaraz no Peru.

Mons. Gurruchaga é de origem espanhola, tendo nascido em Baracaldo em 1931. Salesiano desde 1949, depois dos estudos filosóficos foi mandado para o Peru para a sua primeira experiência salesiana. No Estudantado de Turim-Crocetta fez os estudos de Teologia e foi ordenado sacerdote em 1961.

De volta à Espanha, freqüentou os cursos de Teologia Pastoral em Salamanca. Depois de alcançados os diplomas em Filosofia e Teologia, voltou ao Peru, onde, quase em seguida, foi feito diretor do Estudantado filosófico de Chosica e em 1971 foi eleito Vicário Inspetorial. De 1973 a 1975 foi diretor e pároco em Magdalena del Mar e ao mesmo tempo também Vicário episcopal para a Pastoral na Arquidiocese de Lima. Em 1975 foi nomeado inspetor da Inspetoria do México (México). Cinco anos depois voltava ao Peru para assumir a direção da Inspetoria peruana.

## 5.8. Solidariedade fraterna (49.º relatório)

a) *Inspetorias que quiseram beneficiar outras Inspetorias e Obras necessitadas*

## AMÉRICA LATINA

Inspet. Argentina (Córdoba)	£ 2.740.000
" Brasil (Belo Horizonte)	£ 1.360.000
" Chile	£ 3.910.000

## AMÉRICA DO NORTE

Inspet. Estados Unidos Oeste	£ 16.625.000
" Estados Unidos Leste (Canadá)	£ 4.775.000

## AUSTRÁLIA

Inspetoria Australiana	£ 5.000.000
------------------------	-------------

## ASIA

Inspet. Filipinas	£ 550.000
" Japão	£ 25.000.000
" Índia (Madras)	£ 4.000.000
" Tailândia (Santuário de Fátima)	£ 280.000

## EUROPA

Inspet. Itália Lombarda-Emiliana	£ 5.000.000
" Itália Vêneta Est (Údine)	£ 3.000.000
" Alemanha Norte	£ 10.000.000
" Espanha León	£ 1.530.000
" Espanha Valência	£ 5.000.000
Senhor Giuseppe Gilli	£ 10.000.000

b) *Inspetorias e Obras beneficiadas pelo Fundo "Solidariedade fraterna"*

## ÁFRICA

África Central — Catenga (Rwanda): para o centro juvenil	£ 10.000.000
--	--------------

## AMÉRICA LATINA

México (Guadalajara): Conakry-Kankan (Guiné): para a nova fundação	£ 20.000.000
---	--------------

## AMÉRICA DO NORTE

Estados Unidos Oeste: Lungu (Serra Leoa) para a nova fundação	£ 20.000.000
--	--------------

## ASIA

Índia Bombaim: Juba e Wau (Sudão) para ajuda aos irmãos	£ 10.000.000
Filipinas: Jakarta (Indonésia) para a nova fundação e para ajuda aos irmãos	£ 19.000.000

## 5.9. Dados estatísticos em 31/12/1986

Inspetoria	Tot. professores + noviços 31/12/85	Professores temporários				Professores perpétuos				Total dos professores 31/12/86	Noviços			Total dos noviços 31/12/86	Total professores + noviços 31/12/86	
		L	S	D	P	L	S	D	P		L	S	P			
		AFC	223	11	20	—	—	23	10		—	—	151			215
ANT	184	1	26	—	1	16	6	—	—	124	174	1	10	—	11	185
ABA	221	3	15	—	—	15	13	—	—	159	205	—	2	—	2	207
ABB	179	4	10	—	—	17	6	—	—	133	170	1	1	—	2	172
ACO	198	12	38	—	—	10	14	—	—	114	188	1	5	—	6	194
ALP	139	1	28	—	—	14	5	—	—	84	132	—	4	—	4	136
ARO	148	4	17	—	—	17	4	—	—	100	142	—	8	—	8	150
AUL	130	5	11	—	—	21	5	—	—	81	123	—	1	—	1	124
AUS	159	6	9	—	1	13	3	1	—	121	154	—	4	—	4	158
BEN	233	2	19	—	—	22	4	—	—	185	232	2	1	—	3	235
BES	119	1	5	—	—	8	2	—	—	98	114	—	1	—	1	115
BOL	118	4	27	—	—	14	2	—	—	68	115	—	—	—	—	115
BBH	178	3	18	—	—	21	6	—	—	125	173	2	5	—	7	180
BCG	183	3	18	—	—	31	4	—	—	116	172	1	9	—	10	182
BMA	138	6	28	—	—	20	3	—	—	74	131	—	9	—	9	140
BPA	139	—	22	—	—	10	6	—	—	87	123	—	4	—	4	129
BRE	101	5	9	—	—	16	3	—	—	62	95	—	2	—	2	97
BSP	240	6	39	—	—	30	8	—	—	138	221	—	10	—	10	231
CAM	249	4	52	—	—	24	12	—	—	139	231	1	25	—	26	257
CIL	241	4	41	—	—	24	11	—	—	157	237	1	9	—	10	247
CIN	151	—	14	—	—	39	2	—	—	95	150	—	3	—	3	153
COB	205	4	27	—	—	44	6	—	—	122	203	—	9	—	9	212
COM	164	3	37	—	—	24	10	—	—	87	161	—	7	—	7	168
ECU	269	6	32	—	—	29	13	—	—	176	256	—	12	—	12	268
FIL	329	31	111	—	—	21	14	1	—	133	311	4	24	—	28	339
FLY	181	—	4	—	—	35	2	—	—	136	177	—	—	—	—	177
FPA	246	2	6	—	—	33	2	—	—	202	245	1	—	—	1	246
GBR	180	1	14	—	—	21	1	—	—	135	172	—	2	—	2	174
GEK	205	12	18	—	—	43	5	—	—	116	194	—	4	—	4	198
GEM	287	11	29	—	—	68	6	—	—	165	279	1	5	—	6	285
GÍA	122	—	9	—	—	21	3	—	—	90	123	—	2	—	2	125
INB	287	10	86	—	—	25	26	—	—	129	276	5	12	—	17	293
INC	323	10	91	—	—	28	22	—	—	151	302	1	8	—	9	311
IND	180	5	50	—	—	2	25	—	—	79	161	—	—	—	—	161
ING	267	6	59	—	—	28	19	—	—	144	256	2	28	—	30	286
INK	295	3	132	—	—	13	25	—	—	110	283	—	18	—	18	301
INM	346	11	120	—	—	22	30	—	—	146	329	—	26	—	26	355
IRL	220	8	26	—	—	18	12	—	—	148	212	—	4	—	4	216
IAD	168	1	4	—	—	33	—	—	—	133	171	—	2	—	2	173
ICE	385	11	14	—	—	142	3	1	—	200	371	—	2	—	2	373
ILE	430	4	18	—	—	76	3	—	—	322	423	2	3	—	5	428

## 5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS 73

Inspeitoria	Tot. professores + novíços 31/12/85	Professos temporários				Professos perpétuos				Total dos professores 31/12/86	Novíços			Total dos novíços 31/12/86	Total professores + novíços 31/12/86
		L	S	D	P	L	S	D	P		L	S	P		
		ILT	237	1	7	—	—	44	3		—	174	229		
IME	358	2	24	—	—	55	8	2	255	346	1	3	—	4	350
INE	235	2	10	—	—	48	3	—	165	228	—	—	—	—	228
IRO	322	2	11	—	1	57	5	2	243	321	1	2	2	—	324
ISA	86	—	1	—	—	9	6	—	70	86	—	3	—	3	89
ISI	401	2	17	—	—	42	13	—	314	388	2	7	—	9	397
ISU	502	4	18	—	—	110	6	—	359	497	—	6	—	6	503
IVE	317	3	20	—	—	65	4	1	221	314	—	4	—	4	318
IVO	250	2	9	—	—	52	—	—	181	244	—	1	—	1	245
JUL	172	1	26	—	—	21	11	—	107	166	—	—	—	—	166
JUZ	116	—	18	—	—	8	6	—	79	111	—	5	—	5	116
KOR	42	4	9	—	—	6	1	—	16	36	1	4	—	5	41
MEG	152	3	25	—	—	11	8	—	99	146	—	9	—	9	155
MEM	188	7	51	—	—	15	6	—	95	174	4	12	—	16	190
MOR	145	—	6	—	—	32	2	—	105	145	—	4	—	4	149
OLA	93	—	—	—	—	27	—	1	65	93	—	—	—	—	93
PAR	109	4	18	—	—	8	3	—	64	97	—	6	—	6	103
PER	172	8	34	—	—	11	7	—	108	168	1	6	—	7	175
PLE	402	10	140	—	—	22	10	—	187	369	2	29	—	31	400
PLN	324	3	95	—	—	14	11	—	179	302	3	25	—	28	330
PLO	258	1	55	—	—	1	12	—	181	250	1	13	—	14	264
PLS	276	1	103	—	—	19	4	—	126	253	—	26	—	26	279
POR	187	4	16	—	—	48	5	1	110	184	—	5	—	5	189
SBA	286	4	21	—	—	44	8	—	196	273	—	3	—	3	276
SBI	271	9	34	—	—	57	31	—	123	254	—	10	—	10	264
SCO	158	5	20	—	—	9	4	2	113	153	1	6	—	7	160
SLE	298	15	29	—	—	68	12	—	160	284	2	3	—	5	289
SMA	472	24	40	—	—	103	21	—	265	453	4	3	—	7	460
SSE	204	1	11	—	—	36	6	—	141	195	—	8	—	8	203
SVA	223	2	17	—	—	35	9	—	150	213	1	3	—	4	217
SUE	303	3	16	—	—	60	6	—	208	293	1	7	—	8	301
SJO	134	2	4	—	—	28	4	—	92	130	1	1	—	2	132
THA	110	6	21	—	—	10	3	—	68	108	2	6	—	8	116
URU	154	—	17	—	—	11	5	—	115	148	—	1	—	1	149
VEN	254	1	27	—	1	23	5	1	179	237	—	10	—	10	247
UPS	120	—	—	—	—	17	—	1	107	125	—	—	1	1	126
RMG	87	—	—	—	—	20	—	—	72	92	—	—	—	—	92
Total	17178	360	2323	—	4	2377	604	14	10827	16509	56	522	1	579	17088
Total Bispos e Prel. Não catal. (1)	77	—	—	—	—	—	—	—	—	80	—	—	—	—	80
Total	17719	360	2323	—	4	2377	604	14	10827	17039	56	522	1	579	17618

(1) Estes dados ("não catalogados") referem-se aos Irmãos dos países em que a Congregação vive com dificuldade. Os dados são aproximativos, com base nas últimas informações.

## 5.10. Irmãos falecidos 1987 (1.ª lista)

"A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão" (Const.).

NOME	LUGAR	E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
L AMANN Ludwig	Sunbury	22-02-87	79	AUL
P AZPELETA PRIETO Félix	Madrid	15-01-87	79	SMA
L BAGNATI Angelo	Vigliano Biellese	29-12-86	83	INE
P BALLESTEROS Rafael	Bata (Guinea Eq.)	02-01-87	31	SMA
P BALOGH László	Szikszo	29-12-86	67	UNG
P BARAUT OBIOLS Tomás <i>Foi Inspetor por 11 anos</i>	Barcelona	29-01-87	84	SBA
P BAUER Johannes	Munchen	30-12-86	76	GEM
P CAMMARATA Santo	Catania	30-12-86	77	ISI
L CARRARO Erminio	Castello di Godego	25-01-87	74	IVE
L CARRERA Vittorio	Monteortone	26-02-87	64	IVO
P CASTAGNA Mario	Porto Velho	17-01-87	71	BMA
P CHYLIK Zdenek	Brno	07-01-87	54	CEP
P COLLI Carlo	Roma	07-02-87	61	RMG
P CONTI Alberto	Tolmezzo	24-02-87	76	IVE
P CREEMERS Jozef	Asse	14-02-87	71	BEN
L DE AGOSTINI Artigas	Montevideo	10-03-86	65	URU
P DOVERI Piero	Varazze	15-02-87	66	ILT
P FAVARATO Giuseppe	Mogliano Veneto	05-03-87	54	MOR
P FERGUSON Robert	Bellflower	02-02-87	79	SUO
P FERRANTE Félix Juan	Buenos Aires	07-01-87	73	ABA
L FERRERO Enrico	Torino	23-01-87	69	ISU
P GAMBARO Arealdo	Varazze	02-01-85	64	ILT
L GARBERO Antonio	Torino	12-03-87	88	ISU
P GUADAGNI Enzo	Pietrasanta	16-02-87	71	ILT
P JACEK Edmund	Slupsk	31-10-86	54	PLN
P JORDAN Francisco	Caleta Olivia	13-12-86	72	ABA
L KIENER Peter	Wien	03-02-87	74	AUS
P LALLI Antonio	Roma	12-03-87	70	IRO

## 5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS 75

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
P LA VECCHIA Francesco	Civitanova Marche	19-02-87	83 IAD
S LANDY Peter	Edinburgh	27-01-87	24 GBR
P LASZEWSKI Marian	Marszalki	31-01-87	82 PLO
P LEPARIK Frantisek	Brno	11-01-87	79 CEP
P MACCARONE Giuseppe	Catania	02-03-87	81 ISI
P MADDEN John Jocelyn <i>Foi Prefeito Apostólico de Lashio por 10 anos</i>	Perth (Australia)	19-02-87	52 INC
P MANE Natale	Bangkok	22-02-87	76 THA
L MERLINO Alfonso	Varazze	03-02-86	85 ILT
P MORALES Jesús	Sevilla	31-01-87	72 SSE
P MUÑOZ DEL VAL Aurelio	Caleta Olivia	12-02-87	74 ABA
P MUTHIG Walter	Bad Lippspringe	21-02-87	72 GEK
L NORVERTO Angel Mario	Buenos Aires	20-12-86	65 ABA
L PAGIN Agostino	Piove di Sacco (PD)	07-01-87	83 INE
P PANIKULANGARA Louis	Cochin	12-01-87	55 INK
P PUERTO BARÉS Miguel	Córdoba	06-01-87	62 SCO
P RICAILLE Robert	Andenne	22-12-86	76 BES
P RIOS SERRANO Vicente	Madrid	07-03-87	81 SMA
P RODRIGUES José Bernardino	Manique-Estoril	20-11-86	97 POR
P SANCHEZ RODRIGUEZ Francisco	México	20-07-86	81 MEM
P SANDANAM Joseph	Madras	05-01-87	86 INM
P SANDINO Filadelfo	Quezaltenango (Guatemala)	27-12-86	78 CAM
P SCHAAF Alfons	Mindelheim	20-01-87	74 GEM
L SILVA Antonio Bruno	Recife	09-01-87	82 BRE
P STADLER Georg	Murnau (Baviera)	12-12-86	69 ING
P STOLARZ Pedro	Valera	04-03-87	88 VEN
L STRAHOVNIK Vinko	Trstenik	22-11-86	84 JUL
P THOBURN Francis	London	17-01-87	83 GBR
P TIPS Henri	Gent	04-01-87	74 BEN
P TORRICELLI Ilio	Pietrasanta	18-03-86	72 ILT
P VIZCARRA Juan	Resistencia	26-12-86	77 ARO
P VOLPATO Antinio	Borgo S. Martino	25-01-87	72 INE
P WEINSCHENK Reinhold	Bad Worishofen	13-02-87	56 GEM
P WIKTOROWICZ Antoni	Oswiecim	15-12-86	78 PLS

Composto e Impresso nas  
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS  
Rua da Mooca, 766 (Mooca)  
Caixa Postal 30.439  
Fone: (011) 279-1211 (PABX)  
Telex: (011) 32431 ESPS BR  
01051 — SÃO PAULO — SP